

Nietzsche: vontade de poder e criação

Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente até que ponto a sua intuição prenuncia nossas descobertas. Ninguém reconheceu tão profundamente o dualismo da conduta humana, a insistência do princípio do prazer em predominar indefinidamente.²¹²

Sigmund Freud

Freud evitou ler Nietzsche. Via tamanha semelhança da obra do filósofo com as ideias que começava a propor que se privou do prazer de lê-lo, para não influenciar suas descobertas²¹³. Preferiu seguir o caminho da ciência. Partiu de observações e registros minuciosos de seus casos clínicos, sempre atento à realidade do sofrimento dos pacientes que tratava. Freud considerava o discurso filosófico demasiadamente maleável, o que poderia amortecer a mensagem analítica e distanciá-la de seu ponto fundamental: a etiologia sexual dos processos psíquicos.

A hipótese da *perdição criadora* surgiu-me a partir da psicanálise. Sustento que o processo de análise orienta-se nessa direção. Encontrei no pensamento de Nietzsche, no entanto, profusão de ideias que corroboram minha hipótese. A dimensão trágica da existência; o reconhecimento da doença como motivador da luta pela saúde; a valorização das paixões; a necessidade de crítica da moral e da verdade. Esses são alguns dos temas desenvolvidos aqui. Acima de tudo, Nietzsche destaca, explícita e insistentemente, o papel criador da vontade de poder, a potência plástica das pulsões. Esse trabalho criador não se reduz à arte, à

²¹² Em Entrevista concedida ao jornalista e escritor norte-americano George Sylvester Viereck, em 1927, e publicada em 1930 no livro *Glimpses of the Great* (1930), sob o título *Sigmund Freud confronts the Sphinx*. A entrevista pode ser encontrada em SANTOS, Evandro M. **O sexo de Deus** (2011), p.144.

²¹³ O próprio Freud o afirma em **A história do movimento psicanalítico** (1914) e em **Estudo autobiográfico** (1925). O tema é abordado por Pierre-Laurent Assoun em **Freud & Nietzsche. Semelhanças e dessemelhanças**, p.24. Assoun propõe, de modo detalhado, inúmeras relações entre Freud e Nietzsche, incluindo as observações de discípulos de Freud, como Alfred Adler e Otto Rank, ambos atentos leitores da obra do filósofo. Destacarei apenas alguns aspectos do pensamento de Nietzsche que contribuem para a sustentação da hipótese deste trabalho.

estética. Apresenta-se como ético. Implica na invenção vigorosa de modo de viver ativo, afirmativo. Assim também vejo o projeto freudiano.

Alguns autores destacam o caráter negativo do conceito de pulsão de morte²¹⁴. Com efeito, Freud identifica na tendência à entropia, ao caos, a força mais primitiva e permanente na vida. O psicanalista não vê qualquer disposição originária para o desenvolvimento. Nenhum movimento espontâneo em direção ao conhecimento ou ao amor. Por meio deles experimentamos a vida, mas ambos provêm da necessidade. Tal constatação de Freud não indica defesa do niilismo ou qualquer negação da vida. Simplesmente ressalta a existência do impulso destrutivo em nós. Coloca-o à mostra para melhor lidarmos com ele. Também Nietzsche reconhece a disposição humana ao niilismo. E aponta a criação como resposta a ela.

O pensamento de Nietzsche e de Freud anima-se pela mesma vontade: afirmar a vida. A afinidade de suas perspectivas manifesta-se na própria linguagem, instrumento fundamental para ambos. Freud apropria-se de algumas expressões de Nietzsche. Já em *A interpretação dos sonhos* (1900), o psicanalista identifica no mecanismo de deslocamento da energia por representações o processo de “transmutação dos valores”.²¹⁵ A aproximação torna-se mais contundente com a adoção, por Freud, do termo *Isso*, para designar região mental sede das pulsões, em *O Eu e o Isso* (1923). O termo foi usado por Nietzsche em *Além do bem e do mal* (1887).

Quanto à superstição dos lógicos, nunca me cansarei de sublinhar um pequeno fato que esses supersticiosos não admitem de bom grado – a saber, que um pensamento vem quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero; de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito ‘eu’ é a condição do predicado ‘penso’. Isso pensa: mas que este ‘isso’ seja precisamente o velho e decantado ‘eu’ é, dito de maneira suave, apenas uma suposição, um afirmação, e certamente não uma ‘certeza imediata’. E mesmo com ‘isso pensa’ já se foi longe demais; já o ‘isso’ contém uma *interpretação* do processo, não é parte do processo mesmo. (Nietzsche [1887a]1998,p.23).

²¹⁴ Assoun está entre eles. No capítulo *Instinto e pulsão* do livro citado, afirma: “Enquanto o instinto nietzscheano é originalmente criativo, o instinto freudiano se assemelha a uma espécie de secreção energética (...) de natureza fundamentalmente entrópica”, p.116.

²¹⁵“(…) o trabalho do sonho se serve do *deslocamento das intensidades psíquicas* a ponto de chegar a uma transmutação de todos os valores psíquicos”. In: FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Cap VI, seção *Elaboração secundária*, p.538.

Os dois pensadores não reconhecem na consciência o motor do comportamento humano. Ela se configura como o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico. Manifesta-se, portanto, como função mais inacabada e menos forte que qualquer outra no mundo vivo. Mas o homem a superestima, orgulha-se da própria consciência. O fascínio por sua aparente completude e poder acaba por atrapalhar seu desenvolvimento. Aqueles que admitem os limites da consciência, suas falhas e erros, promovem seu avanço.²¹⁶

Tanto para Nietzsche como para Freud o pensar é inconsciente. Diz respeito ao movimento entre pulsões, vontades, em constante embate por soberania. O conhecimento produzido expressa apenas o resultado final dessa disputa, transformado em palavras²¹⁷. Daí a necessidade da interpretação, termo caro aos dois autores: quais impulsos moveram tal organismo naquela direção? Quais foram seus opositores? Qual composição de vontades se formou? Qual delas impera?

Ambos pensadores construíram suas obras inspirados em descobertas das ciências da natureza. Nietzsche as toma como referência para sua reflexão sobre os valores morais, característica do terceiro e último período de sua obra.²¹⁸ Justo neste momento formula o conceito de vontade de poder. Nietzsche entende-a como impulso que visa sempre ampliar sua força. Mesmo a vontade de poder *reativa*, negadora da vida, objetiva aumentar a própria potência, dominar. O mártir sacrifica-se para tornar mais veemente o poder de sua imagem. O compassivo, ao fazer o bem, submete o outro ao lugar de devedor ou dependente. Faz sentir, dessa maneira, seu poder. O amor sensual nos satisfaz quando percebemos a conquista do território, manifestada pelos efeitos no amado de certo olhar ou de simples gesto²¹⁹.

Tal como Freud, Nietzsche identifica a dor e o sofrimento como elementos intrínsecos ao processo de dominação do mundo. Diz ele em *A gaia ciência* (1882-1887): “E se prazer e desprazer forem de tal modo entrelaçados, que quem desejar o máximo de um tenha de ter igualmente o máximo do outro - que quem quiser

²¹⁶ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência* (1882-1887). Livro 1, aforismo 11.

²¹⁷ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro IV, aforismo 333.

²¹⁸ Em *Das forças cósmicas aos valores*, Scarlet Marton afirma: “o que viabiliza a reorganização é a cosmologia, que ele então constrói a partir dos conceitos de vontade de potência e eterno retorno. Pode, enfim, colocar a questão do valor dos valores, pois o critério de avaliação já se achava dado pela filosofia da natureza”, p.14.

MARTON, S. *Das forças cósmicas aos valores*, p.10.

²¹⁹ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro I, aforismo 14.

aprender a ‘rejubilar-se até o céu’ tenha de preparar-se também para ‘estar entristecido de morte’?’²²⁰

Apesar da proximidade do pensamento dos dois autores, é inevitável ressaltar as diferenças entre eles. Nietzsche não se preocupa em produzir um “sistema de pensamento”. Freud, efetivamente, o faz. Cria nova forma de abordagem da vida que tem como objetivo a intervenção na realidade. E constrói uma instituição para afirmá-la, a Sociedade Internacional de Psicanálise.

Freud era médico. Sua obra resulta da experiência direta com seus pacientes. Nietzsche se autointitula médico e psicólogo, mas jamais exerceu a clínica. Não se formou para isso. De fato, era filósofo. Ou melhor, filólogo, se pensarmos em sua formação primeira. No início do século XX, foi considerado sobretudo um literato, visto por muitos como poeta e, no limite, poeta-filósofo²²¹. Nietzsche dialoga com referências em diversas áreas, da física à biologia. Entretanto, seus escritos têm como eixo principal a crítica da filosofia e da cultura.

Para Nietzsche, o psicólogo investiga a origem e as transformações dos valores morais que organizam indivíduos e culturas, especialmente a cultura ocidental. E na proposição de sua transmutação, inspirada na moral aristocrática da Antiguidade Clássica. A essa tarefa ele dedica parte de sua obra. A psicologia profunda criada por Freud não assumirá, também, função semelhante? Reconheço, porém, seu ceticismo diante da possibilidade de transformar a cultura e mesmo outra pessoa qualquer. “Não tenho coragem de me erguer diante de meus semelhantes como um profeta; curvo-me à sua censura de que não lhes posso oferecer consolo algum”, afirma Freud em *O mal-estar na civilização* (1930, p.147).

Freud reconhece em Nietzsche grande acuidade na percepção endopsíquica e a atribui a seu narcisismo. Graças a ele, o filósofo consegue “explorar as camadas do seu ego com grande perspicácia (...) e fazer uma série de esplêndidas descobertas.”²²² A doença levou Nietzsche a concentrar suas atenções nos

²²⁰ Livro I, aforismo 12.

²²¹ MARTON, S. **Das forças cósmicas aos valores**, p.14.

²²² Assoun apresenta informações sobre as reuniões da *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*, nas quais Freud e colegas médicos reuniam-se para estudar as novas ideias que ele apresentava sobre as aflições da mente humana. Em duas das sessões de 1908, eles debruçaram-se sobre a vida e a obra de Nietzsche. Assoun recorreu ao livro *Os primeiros psicanalistas*. Minutas

próprios processos fisiológicos, nos afetos experimentados em seu corpo, e traduzi-los em discurso. Dessa maneira, projeta para fora o que descobriu em si mesmo criando sofisticada obra, universalizando sua experiência. “É assim que nascem os produtos desconcertantes, mas no fundo corretos, das reflexões nietzscheanas”²²³, observa Freud, atribuindo ao filósofo o título reivindicado por ele, o de primeiro psicólogo²²⁴.

A doença obrigou Nietzsche a investir sua libido em si mesmo. Uma forte miopia o afligiu desde adolescência. Na juventude, graves problemas gástricos e enxaquecas o perturbaram, muitas vezes obrigando-lhe a manter-se na penumbra, sem poder nem mesmo ler. Ao apartar-se do mundo externo, teve possibilidade de investigar melhor seu mundo interno. Tal como Beethoven, sua “surdez” permitiu-lhe auscultar a própria música. Nietzsche descreve esse processo em sua obra: destaca a necessidade da solidão, do afastamento do rebanho, para poder criar. O narcisismo apresenta-se, dessa maneira, elemento necessário ao ato criador. Em Nietzsche ele aparecerá sob o nome de “egoísmo”, classificado como mau pela moral judaico-cristã, valoração colocada em questão em suas reflexões.

Para Freud, a percepção endopsíquica é a base do conhecimento mítico e filosófico. O psicanalista vê a filosofia comprometida com a apresentação de um quadro coerente do universo, sem falhas e submetido à construção lógica do filósofo.²²⁵ Nietzsche também faz a crítica da filosofia, mas inclui a ciência no campo dos saberes produzidos a partir de proposições subjetivas. E, é claro, a arte. Apenas esta última admite a vinculação entre discurso e a experiência do autor. Nietzsche denuncia que qualquer produção do espírito resulta da dor do existir. Não se trata de elaboração neutra e objetiva. A ciência, denuncia Nietzsche, apresenta-se como a oposição mais ilustre à concepção trágica do mundo, por sustentar-se no valor da verdade – universal, neutra e objetiva – protegendo-se da *hybris*, característica do mundo.

Freud associa a psicanálise à ciência. Considera o método científico meio mais eficaz para a apreensão e intervenção na realidade. Sua fé na ciência o leva a

da Sociedade Psicanalítica de Viena. t I:1906-1908,e t.II:1908-1910. ASSOUN. *Op.cit.* p. 20 e seguintes.

²²³ FREUD *apud* ASSOUN, p.22.

²²⁴ Nietzsche nomeia *psicólogo* aquele que procede a investigação da genealogia dos valores morais e, portanto, também chamado de genealogista. Abordarei o tema no capítulo 2.4.

²²⁵ FREUD, S. **A questão da Weltanschauung** (1932/33), p.157. Em **Reflexões sobre tempos de guerra e morte** (1915), Freud afirma: “a filosofia não reconhece que o motor de questionamento não é algo intelectual, mas emocional”, p. 303.

anunciar, em *O futuro de uma ilusão* (1927), que a religião perderia sua importância social diante dos avanços científicos. Freud não deixa de reconhecer, no entanto, o caráter ilusório tanto da psicanálise como da ciência. Ressalta, porém, que, diferentemente de outras ilusões, como a religião, elas são passíveis de aperfeiçoamento.²²⁶ Não à toa nomeia sua última grande obra teórica, que restou inacabada, de *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]).

Poder-se-ia dizer que, apesar de seu esforço para afirmar o espírito científico, o material com o que Freud trabalhou não se presta a afirmações lógicas, claras, totalmente coerentes. Percebemos isso em seu texto, não apenas na *mítica teoria das pulsões*, mas também em suas descrições sobre a dinâmica psíquica. Mesmo suas indicações sobre a técnica, em que a importância da neutralidade do analista é defendida, podem ser relativizadas²²⁷.

As colocações de Freud sobre a importância da interpretação, da sugestão e das construções em análise também nos fazem pensar que ele utilizava mais da intuição do que chegava a admitir²²⁸. E ele assume, em *Além do princípio de prazer* (1920), que parte das ideias ali apresentadas tem o caráter especulativo do qual ele tanto procurou se afastar. Permanece certa imprecisão no que ele descreve. Certo mistério, que nos convida a retornar, reinterpretar e descobrir novos caminhos para a investigação. Este resto enigmático, que incomoda tantos cientistas que criticam a psicanálise, é o que faz que uma obra se perenize. Independente das marcas do tempo em que viveu, que exigem atualização, o texto freudiano inspira nosso pensar aqui/agora. Tal como a mitologia e a tragédia gregas, ou ainda as obras da literatura, que tanto inspiraram seu pensamento.

A vontade de poder soberana no discurso freudiano afirma a vida, na sua inconstância e complicada tensão de forças opostas. Apesar da intenção de produzir ciência, e de, em muitos aspectos, a psicanálise ser resultado de esforço científico, Freud inventa forma de pensar que não pode ser resumida àquilo que se entende de modo clássico como ciência²²⁹. Ele admite que o experimento da

²²⁶ FREUD, S. **O futuro de uma ilusão** (1929), p.60-63.

²²⁷ “As regras técnicas que estou apresentando aqui alcancei-as por minha própria experiência, no decurso de muitos anos, após resultados pouco afortunados me haverem levado a abandonar outros métodos.(...) ...esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta. In: FREUD, S. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise** (1912), p.125.

²²⁸ FREUD, S. **Construções em análise** (1937).

²²⁹ MAGNO, MD. **A Psicanálise. Novamente** (2004).

psicanálise não é transmissível. Sua verdade só pode ser efetivamente identificada por aqueles que se submetem ao processo de análise.

Para Nietzsche, a vontade de poder reativa nega a vida por recusar o devir. Afasta-se do risco e da aventura do enfrentamento com o impensado. Essas ideias contribuem para a afirmação da minha hipótese: a vida saudável exige a *perdição criadora*. O religioso, no sentido que emprego neste trabalho, é aquele que repete mecanicamente uma oração a seu deus, almeja paz, sossego. Profere preces a antepassados, a espíritos transcendentais, a conceitos e ideologias. Reza para qualquer verdade dogmática que afaste as perturbações do pensamento²³⁰.

Vejo mais semelhanças que dessemelhanças na maneira como Freud e Nietzsche abordam o homem e a vida em geral. Na obra dos dois vemos a operação contundente da vontade de potência afirmativa, criadora. Um e outro transmutam os valores, lutam para afirmar nova forma de interpretar a vida. Por terem se *perdido* da trilha do pensamento de sua época, foram ignorados e criticados por seus contemporâneos. Mas tiveram força para impor sua fantasia na realidade. Sua obra exemplifica a experiência de *perdição criadora*.

Para utilizar metáfora musical, tão cara a Nietzsche, diria que a diferença entre os dois está no timbre da voz. A voz de Freud parece-me a de um baixo profundo e a de Nietzsche a de um tenor lírico, quem sabe até um contra-tenor. Trata-se da cor de sua alma. Não há violino, piano, clarineta que produza som igual a outro. O tipo de madeira, a particularidade das teclas, a densidade do verniz, a história do instrumento contribuem para a singularidade do som por eles produzida. Arriscando um pouco mais nas metáforas musicais: Freud estaria mais para Bach e Nietzsche, mais para Händel. Talvez pudéssemos dizer que o tom predominante na melodia nietzscheana é mais eufórico, megalômano. A música composta por Freud teria caráter mais sóbrio, marcado pela melancolia diante das descobertas da bruta realidade que ele testemunhava em sua clínica. Antes que o crítico faça soar suas trombetas contra tal analogia, destaco a existência, em ambos, da variedade de todos os estados anímicos observados no homem.

²³⁰ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro III, aforismo 128. A definição de “religioso” que utilizo aqui foi apresentada no prefácio desta tese.

3.1

Experimento e tentação: o estilo nietzscheano

Está surgindo uma nova espécie de filósofos (...) esses filósofos do futuro bem poderiam, ou mesmo mal poderiam, ser chamados de *tentadores*. Esta denominação mesma é, afinal, apenas uma tentativa e, se quiserem, uma tentação.²³¹

Friederich Nietzsche

Pai nosso que estais nos céus, santificado seja vosso nome, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu....Não nos deixais cair em tentação; mas livrai-nos do mal.

Oração cristã

Nietzsche anuncia, no aforismo 42 de *Além do bem e do mal*, o surgimento dos *filósofos tentadores*. Nomeia sua própria idéia como uma *tentação*. Os termos em alemão são *Versucher* e *Versuch*. Essas palavras são usualmente vertidas para o português como *experimentadores* e *experimento*, mais afeitas, em nossa língua, ao domínio científico. No aforismo citado, no entanto, o tradutor brasileiro Paulo César de Souza optou por destacar campo semântico ausente nos vocábulos normalmente adotados em português. Revelou significação mais complexa dos termos. Eles ressaltam não apenas o caráter de *ensaio* e *tentativa* do pensamento, mas também a implicação subjetiva do pensador na produção de sua teoria. Seu movimento a partir de desejo intenso em direção a algo censurável, diabólico até. E ainda: o caráter provocador de sua criação.

A idéia de experimento/tentação proposta por Nietzsche para os *filósofos do futuro* inspira de modo contundente aquilo que busco descrever como *perdição criadora*. Entendo-a como experiência vivida por indivíduos que, de alguma maneira, depararam-se com o caráter ilusório das formações que nos organizam. Defrontaram-se com o caótico, o pulsional que marca nossa espécie. Diante disso,

²³¹ NIETZSCHE, F. **Alem do bem e do mal**. Aforismo 42.

inventaram alguma ordem, mesmo que temporária, para dar sustento a sua existência.

A multiplicidade de significações a que remete o termo *Versuch*, sua polissemia, nos dá o tom do empreendimento nietzscheano. Uma única palavra já demonstra a tensão de forças presente na linguagem, instrumento sempre impreciso, que jamais pode ser tomado como expressão neutra de um estado de coisas ou fenômeno. Nietzsche não oculta essa tensão. Ao contrário: provoca-a. Utiliza o transbordamento do sentido, as contradições e os paradoxos dele derivados, como meio de incitar o despertar do sonho idealista. Sonho que aprisionou o pensamento ocidental por mais de dois milênios, acredita Nietzsche. A esse modo de proceder ele dá o nome de *arte da nuance*. “Nos anos da juventude, ainda veneramos e desprezamos sem a arte da nuance, que constitui nossa melhor aquisição na vida”, observa Nietzsche no aforismo 31, de *Além do bem e do mal*.²³²

O trabalho do filósofo, em Nietzsche, aproxima-se do labor do artista. Este esmerilha seu discurso visando a afetação sensível, o prazer estético, o embaralhamento da percepção. Não podemos, no entanto, deixar que seu estilo singular nos confunda com relação a seu projeto fundamental: a transformação da filosofia. Apesar de tomar a atividade artística como referência, Nietzsche afirma-se como filósofo. Escreveu poemas, arriscou-se na composição musical. Mas seu trabalho visa a formação dos *filósofos do futuro*, dos *espíritos livres*. Ele mesmo encarna o papel de desbravador da nova função da filosofia: a transmutação dos valores niilistas e decadentes, para ele hegemônicos na cultura ocidental desde Sócrates.

A execução dessa tarefa implica a crítica da moral e dos valores, tal como fizeram outros filósofos. Entretanto, a crítica é apenas a primeira etapa do trabalho. Ela fornece subsídios para o segundo momento: o de intervenção na cultura por meio da instauração de novos valores. Nietzsche difere dos filósofos que o antecederam tanto na primeira como na segunda etapa do trabalho a que se propõe. Seu método crítico é bem distinto daquele seguido pela tradição filosófica. Esteia-se na investigação do conflito entre as pulsões que sustentam qualquer interpretação, e não na busca da verdade e do estabelecimento de leis

²³² Patrick Wotling, em **Nietzsche et le problème de la civilisation**, desenvolve reflexão sobre o pensamento do filósofo a partir da proposição da *arte da nuance*.,p.7.

universais, imóveis. Denuncia a própria filosofia como apenas mais uma interpretação, construída a partir de determinado conflito de forças. A linguagem, quer seja usada na religião ou na filosofia, tem como função impor a univocidade àquilo que é múltiplo. Busca fixar e congelar o que se manifesta em processo contínuo. Remete, sempre, à moral, ao ideal. Qualquer texto só pode ser interpretado e avaliado a partir do extra-texto, do corpo, cena do embate das intensidades pulsionais.²³³

A ruptura de Nietzsche com a tradição está encarnada em seu texto, no estilo singular que constrói. A estrutura aforística expressa seu método de análise.²³⁴ Ao escrever em fragmentos, afasta-se da preocupação dos filósofos de apresentar raciocínio linear, sustentado por provas e demonstrações. Nietzsche considera o empenho na construção de um sistema coerente fuga da dimensão trágica que caracteriza a vida, na sua contínua mutação. Dizendo proceder de modo neutro, puramente racional, os filósofos colocam-se acima da vida, mirando sempre na direção do absoluto, do Verdadeiro, que tem conteúdo imóvel, essencial. Para Nietzsche, trata-se de atitude de defesa em relação ao múltiplo e ao imprevisto. Ao acaso, ao afastamento da *tentação*. Razão corresponde aqui a reação, expressa afeto *reativo*, que nega a vida.

O estilo de um texto, alerta ele, está articulado à *vontade* que o alimenta; expressa experiência específica de pensamento. O filósofo vincula-se à morte ao fixar-se em *um* sentido, ao considerar *uma* interpretação como verdadeira. É ao mesmo tempo assassino e suicida, pois aborta o nascimento de outras interpretações, que indicariam novas formas de vida. Tanto para ele como para outrem. Obriga a si e aos outros, que o escutam de modo servil, a pensar em apenas uma direção. Daí o caráter moral da filosofia. Poder-se-ia transpor a tipologia nietzscheana para os homens – *tipo forte, nobre e tipo fraco, escravo* – para o estilo do texto. Ele é sempre resultado de um *tipo de escuta* da dimensão pulsional, subterrânea às formas estabelecidas pela linguagem, mas que as engendra.

²³³ Texto aqui não se resume à palavra escrita ou mesmo a discurso, trata-se de qualquer *corpus* articulado de pulsões em disputa. A cultura é um *texto*. A palavra *corpo* tampouco significa apenas nosso corpo biológico, mas qualquer configuração onde se expressam conflitos de intensidades. Mesmo o cristal é constituído de formas que estão em disputa, que se compõem, que se impõem umas às outras. In: BLONDEL, Eric. **Nietzsche, le corps et la culture**, capítulo *Genéalogie philologique et misologie*, p.195, e capítulo *Le corps et les métaphores*, p.278 e seguintes.

²³⁴ As reflexões aqui apresentadas foram inspiradas, principalmente, no já citado texto de Patrick Wotling.

Que tortura são os livros escritos em alemão para aquele que possui o *terceiro* ouvido! Como se detém contrariado junto ao lento evoluir desse pântano de sons sem harmonia, de ritmos que não dançam, que entre os alemães é chamado de ‘livro’! E o alemão que lê livros! Como lê mal, de má vontade, preguiçosamente! Quantos alemães sabem, e de si mesmos exigem saber, que existe *arte* em cada boa frase – arte que deve ser percebida, se a frase quer ser entendida! Uma má compreensão do seu *tempo*, por exemplo: e a própria frase é mal-entendida! Não ter dúvidas quanto às sílabas ritmicamente decisivas, sentir como intencional e como atraente a quebra de uma simetria muito rigorosa, prestar ouvidos sutis e pacientes a todo *staccato*, todo *rubato*, atinar com o sentido da sequência de vogais e ditongos, e o modo rico e delicado como se podem colorir e variar de cor em sucessão: quem, entre os alemães que leem livros, estaria disposto a reconhecer tais deveres e exigências, e a escutar tamanha arte e intenção na linguagem? Mas afinal não há ‘ouvidos para isso’: e assim não se ouvem os mais intensos contrastes de estilo, e a mais sutil artesanaria é *desperdiçada*, como diante de surdos. (Nietzsche [1887a] 1998, #246)

Nietzsche toma como referência a música para destacar a dimensão afetiva e polifônica de qualquer texto. O discurso musical não comporta conceitos fixos. Sua expressividade constrói-se, necessariamente, pela articulação contingente dos sons, de seus ritmos, intensidades, alturas. E do silêncio. Não há música sem pausas. Elas também indicam intensões, afetos. Momentos de suspensão do som, da palavra. Mas não do pensar. Ao contrário. Talvez esses momentos sejam aqueles em que o pensamento experimenta maior ebulição. “Prefiro meus pensamentos mudos em ponto de suspensão do que aqueles que já redigi”²³⁵, declara Nietzsche. Esses “instantes” – momentos que solicitam com insistência - revelam clamor incessante das forças que nos alimentam, e no entanto permanecem obscuras, misteriosas. São tentações, despertam afetos que nos deixam perdidos. Cultivá-los nos permitirá colocar em suspeição as certezas que nos garantem identidade e poder. E que nos vinculam de modo automático à vida. Ou será à morte? Pensar não é meramente articular categorias estabelecidas, mas acordar o não pensado.

Vida, para Nietzsche, associa-se sempre à ampliação do poder sobre o que há. Implica o reconhecimento daquilo que nos coloca a perder do caminho

²³⁵ NIETZSCHE, F. *FP*§xi, 34[147] *apud* WOTLING, Patrick. **Nietzsche et le problème de la civilisation**, p.19.

normalmente trilhado. Tenta-nos em outra direção. Só acedendo a este chamado poderemos tornar mais vasto o território em que vivemos. Território psíquico e, em muitos casos, até material. A busca da conservação de certo estado corresponde, para Nietzsche, à morte. Trata-se da sufocação de instintos que buscam se afirmar e que nos levariam a novos modos de viver. Apesar de silenciados por alguma ordem que impera, continuam seu trabalho mudo. São sempre múltiplos, imprevisíveis.

A escrita aforística convida à pausa na articulação consciente. O silêncio entre os aforismos permite-nos auscultar as sensações que nos provocam. Podemos nos demorar neles, dialogar com eles. “Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso,” propõe Heráclito.²³⁶ O texto corrido tende a nos fazer ensurdecer. Para seguirmos inercial e aceleradamente o raciocínio do autor na apresentação de suas hipóteses gerais e secundárias, que serão provadas por demonstrações lógicas.

As hipóteses expostas pelos aforismos nietzscheanos são sempre temporárias, apesar de elaboradas com o rigor de um ourives. Constituem um lance do pensamento. Se um afirma certo olhar sobre determinado tema, outro nos oferece perspectiva diferente. O texto de Nietzsche demonstra que cada instante da vida é marcado pela tensão de forças, pela atividade subterrânea das pulsões e dos afetos. É justamente essa dimensão intensiva, e em constante conflito, que a linguagem busca capturar, dar forma. Expressar. Os aforismos apresentam-se, assim, como exemplo do jogo perene de interpretações que nos acossa em cada experiência da vida.

É bem verdade que o estilo de Nietzsche aproxima-se do discurso dos moralistas, que apresentam seus ensinamentos e máximas por fragmentos. Poder-se-ia dizer, até, que a organização numerada dos aforismos faz referência ao texto bíblico, organizado por versículos. Tal como a Bíblia, que é lida de modo não linear, o texto nietzscheano pode ser consultado pontualmente, de acordo com a necessidade contingente. E mais: essa apresentação facilita a consulta, independente da edição ou da tradução. Permite, dessa maneira, o diálogo entre leitores de diversas nacionalidades, de diferentes momentos históricos. Facilita o entendimento entre seus comentadores. Confere caráter universal à obra. Vejo na

²³⁶ ANAXIMANDRO *et. Alli*, p.63.

forma aforística do texto de Nietzsche mais uma nuance de seu pensamento: crítico da religião e da moral, inspira-se na forma do texto bíblico e dos moralistas para propor sua filosofia. Acreditará ele que seu livro será a grande referência das gerações futuras?

Ironia, complexidade, polifonia de vozes marcam o estilo de Nietzsche. Ele oferece o próprio texto como fonte de enigmas, revelando qual o objeto principal de suas preocupações: a linguagem, instrumento principal das construções simbólicas da cultura. A formação inicial de Nietzsche foi a filologia. A consciência de que a linguagem não é inocente, de que as palavras revelam a chave dos instintos e dos pensamentos que imperam em nós, o impele a mudar o objeto da filosofia²³⁷. Se desde Sócrates a preocupação é a Verdade, o Bem, a Lei universal, agora será a cultura, entendida como conjunto de criações humanas determinadas pela vontade de poder predominante. Em cada cultura, há que identificar se a chave aponta para a vida, para a ampliação da potência. Ou se está direcionada para a morte.

Uma criatura viva quer antes de tudo *dar vazão* a sua força – a própria vida é vontade de poder. (Nietzsche [1887a]1998,#13)

...a vontade não é apenas um *complexo* de sentir e pensar, mas sobretudo um *afeto*: aquele afeto de comando. (...) ...o mais estranho na vontade – nessa coisa tão múltipla, para a qual o povo tem uma só palavra: na medida em que, no caso presente, somos ao mesmo tempo a parte que comanda e a que obedece, e como parte que obedece conhecemos as sensações de coação, sujeição, pressão, resistência, movimento, que normalmente têm início logo após o ato da vontade.(...) O efeito sou eu: ocorre aqui o mesmo que em toda comunidade bem construída e feliz, a classe regente se identifica com os êxitos da comunidade. Em todo querer a questão é simplesmente mandar e obedecer, sobre a base, como disse, de uma estrutura social de muitas 'almas'.(Nietzsche, [1887a]1998, #19)

A hipótese da vontade de poder traz orientação radicalmente nova às reflexões sobre a vida e a cultura. Qualquer organismo vivo, qualquer pessoa, qualquer coletivo humano constitui-se pelo embate de impulsos que querem se impor. Buscam dominar. Os fenômenos, portanto, são sempre múltiplos,

²³⁷ WOTLING, Patrick, **Nietzsche et le problème de la civilization**, p.23. A chave, em música, é a *chave* que estabelece o modo como os diversos sons serão articulados.

complexos e cambiantes, devido à perpétua disputa entre as vontades. Cabe ao filósofo a descrição do embate dessas forças, ele mesmo assujeitado a essa guerra.

O conceito de vontade de poder nos permitirá entender a história da cultura como a “história da crueldade”²³⁸. Crueldade aqui não se resume aos atos definidos moralmente como maus por certo código coletivo. Refere-se a qualquer ação que vise impor alguma forma de dominação. Se a vontade de poder anima tudo que há, qualquer relação estabelecida entre duas formas erige-se sob a égide da crueldade. Cada uma buscará confranger a outra. Em psicanálise, nomeia-se esse impulso de sadismo. Dentro dessa perspectiva, poderíamos pensar que mesmo aquelas ações que, na cultura cristã, parecem as mais submissas e masoquistas, têm o objetivo de submeter o outro. O problema da *cultura moderna*, para Nietzsche, está no não reconhecimento da necessidade da crueldade. Na valoração negativa e reativa dada ao ato violento. Ou seja, na moralização da crueldade. A dominação de algo implica nosso movimento de submetê-lo aos nossos desejos. Nas palavras de Nietzsche:

Queremos, isto sim, perceber ou intuir como o outro nos *sofre* externamente ou internamente, como perde o controle sobre si mesmo e cede à impressão que lhe produz nossa mão ou simplesmente nosso olhar (...) [aquele que se empenha por distinção só] desfruta esse êxito na medida em que se *imprimiu* na alma alheia, modificou a forma desta e governou-a conforme sua vontade. O empenho por distinção é o empenho pelo domínio do outro. (Nietzsche [1880]1998, #113)

De certa maneira, qualquer afirmação, qualquer determinação é ato de crueldade. Acossado pela imprevisibilidade do mundo que o cerca, o homem impõe-lhe uma interpretação. A angústia e o horror diante do desconhecido impeliram à invenção de determinada ordem, que é apenas artifício diante do caótico e do múltiplo. A crença nos artifícios que inventa garante ao homem certa estabilidade, aumenta sua sensação de poder sobre a vida. Daí a cristalização de certa configuração de forças. O medo da redução desse poder obriga-o a rejeitar qualquer coisa que ameace a ordem estabelecida. Vale lembrar que a defesa da ordem e da estabilidade se dá por meio da crueldade. O que foge ao controle; o estranho, o imprevisto, o acaso são recusados, identificados como maléficos, diabólicos. São *tentação*, provocam *perdição*. Mas foi justamente o deparar-se

²³⁸ WOTLING, P. *Nietzsche et le problème de la civilisation*, pp185-213.

com o caótico que impeliu o homem a tornar-se criador. Buscar o desconhecido, acolher o acaso, suportar o sofrimento que a instabilidade do imprevisto nos provoca nos aproximaria do homem primitivo. Ele se viu obrigado a criar algo que desse sustento a sua existência. De alguma forma era poeta. Viveu, por necessidade, o que descrevo como *perdição criadora*.

Para Nietzsche, os “filósofos tentadores” não se restringem ao deciframento dos sintomas da cultura, assumem a função de médicos da cultura. O juízo sobre os sintomas, a avaliação terá como referência a vida, a saúde. É uma primeira etapa que prepara aquela que é mais importante: a criação de novos valores. Há que agir sobre a cultura, modificar suas condições de existência. O filósofo médico terá que tiranizar a cultura, para provocar novos nascimentos. Daí seu caráter de tentador. Os espíritos maléficos, diabólicos, expressam aquelas forças que não conseguimos controlar, que nos colocam em tentação.

O estudo da tragédia grega e a investigação sobre a moral e a vontade de poder prevalecte entre os gregos arcaicos são fundamentais para Nietzsche. Por meio dessas referências, ele pensa a dinâmica da criação e a saúde, tanto de culturas como de indivíduos.

3.2

Trágico, sacrilégio e perdição

A mais bem-sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, os gregos – como? Precisamente eles tiveram necessidade da tragédia? (...) Será o pessimismo necessariamente o signo do declínio, da ruína, do fracasso, dos instintos cansados e debilitados? (...) Há um pessimismo da fortitude?²³⁹

Friederich Nietzsche

O horror e a violência das pulsões transmutados em graça. Assim Nietzsche vê a tragédia ática. Para o filósofo, ela surge do reconhecimento do terrível, do maligno e do enigmático característicos da existência. E da luta por superá-los, convertendo a vida em experiência digna de ser vivida. No livro dedicado ao estudo dessa forma de arte, *O nascimento da tragédia* (1872), o filósofo não faz apenas interpretação particular sobre a criação grega e o fenômeno estético, mas também anuncia as bases de sua reflexão sobre a ética, que marcará suas obras posteriores²⁴⁰. Nietzsche propõe uma *filosofia trágica da existência*. Ela implica a afirmação de tudo que nos aparece, mesmo o mais amargo sofrimento, a ser encarado sempre com alegria.

A tragédia floresce num período de decadência para os gregos. A ruína do mundo aristocrático impelia à metamorfose e à invenção de nova ordem, a democracia. Surgem, neste momento, o mito trágico e o fenômeno dionisíaco.²⁴¹ E, para Nietzsche, a mais valorosa época grega. O deus dos excessos, da desmedida, criado por ninfas e sátiros nas grutas no monte Nisa, perseguido e condenado a errar por terras distantes, é enfim acolhido pela mitologia e pelos poetas atenienses.

Nos concursos dramáticos estabelecidos em honra a Dioniso, manifesta-se a tensão entre o velho regente da ordem aristocrática, Apolo, e o deus das

²³⁹ NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. Prólogo, p.12.

²⁴⁰ O próprio Nietzsche o afirma em prólogo ao livro escrito em 1886, nomeado **Tentativa de autocrítica**. Consultar também: DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**; e CASTRO, Claudia Maria de. **A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia**.

²⁴¹ BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega. Volume II**.

profundezas desconhecidas, Baco. Nietzsche identifica nesses dois deuses a expressão de impulsos estéticos e poderes artísticos antagônicos. E entende o fenômeno estético não resumido às criações humanas. Ele diz respeito à vida em geral. Na natureza, cada nova forma que nasce expressa a potência criadora do universo, habitado por uma infinidade de forças em conflito²⁴².

Apolo, deus da luz e da harmonia, corresponde às formas bem definidas manifestas nas artes plásticas. Dioniso, deus do desregramento, é identificado às intensidades pulsionais percebidas na música. A grandeza da tragédia está justo no reconhecimento da tensão permanente entre essas duas forças opostas, da sua tradução em discurso, em beleza. Elas habitam nosso corpo. Por isso, Nietzsche as associa a estados fisiológicos distintos²⁴³.

O impulso apolíneo manifesta-se na criação de sonhos. Nietzsche considera o sonho expressão de um mundo de ilusões, da bela aparência.²⁴⁴ Trata-se de representação necessária ao apaziguamento de nossa relação com a vida, pois oferece imagens idealizadas que dão sentido à existência. O sonho compõe cenas na qual as pessoas atuam; estabelece seres distintos, individuais, com claros limites entre si. Na cena criada, os homens competem, amam-se, agridem-se, confortam-se. Mas estão, sobretudo, pacificados diante da brutalidade do caos característico do conflito entre forças disformes e imprevisíveis. Os personagens do sonho têm identidade fixa.

As emoções experimentadas no sonho não se comparam às intensidades vivenciadas nos estados de êxtase e embriaguez, típicos do impulso dionisíaco. Nestes, o indivíduo “sai de si” e mergulha no ilimitado; submerge no indeterminado. Rompe com as diferenças inventadas pelas imagens apolíneas, com os diques artificiais que as contêm, e integra-se às forças primitivas da natureza. A magia dionisíaca permite estreitar os laços de pessoa a pessoa; “a natureza alheada (...) volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem”²⁴⁵.

²⁴² CASTRO, Claudia Maria. *A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia.* e SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. *Virtude e tragédia.*

²⁴³ Na obra já citada, Patrick Wotling desenvolve longa reflexão sobre o corpo, e os estados fisiológicos como fio condutor do pensamento de Nietzsche, pp 83-107.

²⁴⁴ Angèle Kremer-Marietti aborda o sonho em Nietzsche e em Freud em *La naissance de la tragédie trace la voie de la vérité radicale*, p. 12 e seguintes. In: NIETZSCHE, F. *La naissance de la tragédie.*

²⁴⁵ NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia.* Cap.1, p.28.

A dinâmica apolíneo/dionisíaca formulada por Nietzsche não se reduz à descrição da tragédia. Com ela, o filósofo enuncia os elementos presentes em todo processo criativo. E inclui-se aí qualquer forma de vida. Em termos freudianos, o estado dionisíaco corresponderia à imersão no Isso, campo indeterminado de pulsões em conflito. Apolo expressa o imaginário que sustenta o Eu, e também as referências ideais, muitas vezes inconscientes, sustentadas pelo Supereu.²⁴⁶

Mesmo presente em qualquer situação, a tensão apolíneo/dionisíaca manifesta-se diferentemente em indivíduos e culturas. Ou melhor: há exemplos, de indivíduos e culturas, em que essa dinâmica fica sufocada pela insistência na manutenção de imagens oníricas. Apolo prevalece e recalca veementemente Dioniso. A criação, neste caso, paralisa-se. Nietzsche exalta os gregos arcaicos por reconhecer em sua cultura o acolhimento das duas forças. Para ele, com Sócrates e a afirmação da filosofia e da abstração, a cultura grega adoece, pois privilegia a moral em detrimento da pulsão.

Da mesma forma que Nietzsche, Freud fundamenta seu pensamento na articulação entre estados fisiológicos, afetos expressos no corpo, e produções mentais. No entanto, a psicanálise reconhece no sonho não apenas manifestação de Apolo. Com Freud, descobrimos que o sonho contém o dionisíaco. O terrível também aparece ali. A cena construída não se resume à bela aparência, pois é invadida por Dioniso.

Freud identifica no sonho a realização de um desejo. Não considera a ilusão uma mentira, mas a expressão de uma vontade.²⁴⁷ No entanto, não desejamos apenas coisas boas e bonitas. O sonho revela qualquer desejo, mesmo aquele que não está de acordo com a bela imagem. A formulação do conceito de pulsão de morte nos impõe a releitura dos primeiros trabalhos de Freud, agora sob a luz sombria do impulso de destruição, sempre em ação²⁴⁸. Parece-me que o conceito de fantasia, proposto pela psicanálise, corresponde de modo mais exato à idéia do sonho proposta por Nietzsche. Vivemos segundo fantasias inconscientes. Nelas nos organizamos, atuamos e sustentamos uma identidade. Por mais que elas

²⁴⁶ Nos capítulos 5, *As regiões mentais*, e 6, *Extravios da moral*, da primeira parte do presente trabalho apresento reflexão sobre dinâmica entre as instâncias psíquicas propostas pela psicanálise. Consultar também KREMER-MARIETTI, Angèle. *La naissance de la tragédie trace la voie de la vérité radicale*. In: NIETZSCHE, F. *La naissance de la tragédie*.

²⁴⁷ FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900) e *O Futuro de uma Ilusão* (1927).

²⁴⁸ Em seu **Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, Lacan analisa um famoso sonho estudado por Freud, em que um pai revê seu filho recém falecido. O pai desperta ao ver a cena de seu filho queimando pelo descuido de quem o velava.

imponham sofrimento, perder-se parece pior; implica romper com nossa individualidade, e isso provoca intensa angústia.

Contudo, a ruptura com os limites individuais traz a sensação de liberdade. Remete ao sentimento místico de unidade com o Todo, o Uno primordial, o originário do qual surgiram todas as formas da natureza. Fonte e destino de qualquer Ser. Nos rituais dionisíacos, os indivíduos são tomados pelo “entusiasmo”²⁴⁹, estão possuídos pelo deus. Mas a comunhão com Dioniso também leva ao descontrole. Daí o horror e a violência dos atos praticados. E o medo de perder-se. Sob o efeito da embriaguez dionisíaca, provocada pelo encantamento dionisíaco estimulado pelo vinho, pelas danças e pela música ditirâmbica, Ágave dilacera o próprio filho, Penteu²⁵⁰.

Nietzsche saúda Dioniso, pois nele está a verdade da vontade e, portanto, o fundamento da vida. Entretanto, reconhece a destrutividade desse impulso quando manifestado em todo seu desregramento. Há que saber lidar com esse deus. Perder-se nele pode implicar em pura destruição. Corresponderia ao que designo de *perdição destrutiva*, em que somos regidos pelo Isso, tornando-nos simples escravos das pulsões.

Consciente desse risco, Nietzsche estabelece diferença entre os bárbaros dionisíacos e os gregos dionisíacos. Os primeiros manifestam-se em orgias febris e alcançam “horrível mistura de volúpia e crueldade”. Os gregos dionisíacos conseguem reconciliar Dioniso com seu oposto, Apolo. Este, sozinho, representaria apenas a mentira da cultura, repetição ilusória e estéril do imaginário estabelecido. A embriaguez dionisíaca, quando domada por Apolo, manifesta-se como criação. Não se trata aqui de um equilíbrio entre os dois, mas de uma entrega desmedida aos desejos e de sua dominação, via articulação em uma forma particular. Entendo a *perdição criadora* como o processo de mergulho nas intensidades pulsionais e da emersão desse caos por meio da invenção de nova aparência.

Do pacto de paz, um armistício tenso entre os dois deuses, nasceu a arte dionisíaca. Na tragédia, percebe-se tanto o sofrimento, a violência pulsional,

²⁴⁹ “O *sair de si* implicava num mergulho em Dioniso e deste no seu adorador pelo processo de *entusiasmos*, isto é, ‘animado de um transporte divino’, (...) o *entusiasmo* é ter um deus dentro de si, identificar-se com ele, coparticipando da divindade”. BRANDÃO, J. **Mitologia grega. Volume II**, p.136.

²⁵⁰ VERNANT, Jean-Pierre. **Os homens, os deuses, os homens**; e EURÍPIDES. **As bacantes**.

como sua transmutação em beleza. O ditirambo trágico acolhe a dissonância musical. Tal como na música, a dissonância trágica revela desordem prazerosa que impele ao movimento, à metamorfose. A harmonia confortável da consonância, do acordo estável entre os sons, tende ao conformismo pelo sufocamento do conflito. E, de certa maneira, à morte. A tragédia revela o dissenso, a ruptura com as formações individuais, com a continuidade de uma ordem. Por isso, evoca a capacidade criadora. O mito trágico acolhe a crueldade e a violência do homem e da natureza, escondidas sob o nome de Destino, definido pelos deuses. Na tragédia, a desordem, a morte individual, transforma-se em vida.

A dor põe à prova a potência criadora, permite a construção do homem *forte*, do homem *nobre*. Para Nietzsche, nenhum herói exemplifica melhor essa transformação do que Édipo, a figura mais sofrida do palco grego²⁵¹. Édipo comete um sacrilégio: mata o pai e toma a própria mãe como esposa. Teriam sido estas suas faltas primeiras? A fuga de Corinto, na tentativa de negar o oráculo que predissera seu destino, não configuraria pecado maior, um desafio à vontade dos deuses? E sua sagacidade, ao desvendar o enigma da Esfinge, não indicaria grande afronta aos segredos da natureza?

“Misteriosa tríade de ações fatais”, observa Nietzsche. O conjunto de atos de Édipo o alça ao lugar mais alto entre os humanos, eleva-o ao posto de Rei. Mas também o faz cair. Na busca de afirmar sua individualidade, sua força, destrói qualquer obstáculo que se lhe anteponha. Acaba por perder-se. Nas palavras do coro:

Ele atirava flechas mais longe que os outros homens e conquistou incomparável felicidade. Fez mais ainda, pois conseguiu matar a virgem misteriosa de garras curvas e enigmas bárbaros.(...)Desde esse tempo, Édipo heróico, nós te chamamos de nosso rei e nos curvamos diante de ti, senhor supremo da grande Tebas. E existe hoje qualquer mortal cuja desdita seja maior? (Sófocles,1990,p.83).

Édipo move-se por interminável impulso de saber. Esta é sua perdição. Tirésias o afirma literalmente: “Dessa ventura [a habilidade de decifrar enigmas] te há de vir a perdição”²⁵². Sabedoria aqui não corresponde ao conhecimento racional, intelectual, mas à consciência das pulsões que nos impelem à ação e ao

²⁵¹ NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. Cap. 9, p.61.

²⁵² SÓFOCLES. **A trilogia tebana**, p.41.

discurso. Ou melhor: à revelação do conflito de forças presente em cada situação da vida, e esta não se limita ao mundo humano. O saber mora além da representação, da bela aparência das formas da realidade construída, da lógica que as ordena. O saber não é o refletir a demasia das possibilidades, mas o “relance interior da horrenda verdade”²⁵³.

O saber produzido por Édipo advém da consciência de ser atravessado por pulsões inconscientes. O herói deixa-se levar por elas, encanta-se pela vontade de afirmar-se diante do desconhecido, que ousa impedir-lhe a regência da própria vida. Entrega-se a essa tarefa com intenso vigor, perde-se nesse desejo. E obtém sucesso. É bem sucedido tanto na afirmação das ilusões de poder constituintes do mundo humano como na descoberta da falsidade dessas imagens. Édipo jamais se esquiva da busca da revelação do oculto. Reluta quando vê seus sinais, pois é humano, mas não foge diante da manifestação contundente da vontade dos deuses. Ou seria da própria vontade?

Tal como Nietzsche, Freud elege Édipo seu grande herói. Dá seu nome ao complexo estruturante da neurose. Essa atribuição já mereceu críticas dentro e fora da psicanálise²⁵⁴. É bem verdade que associar o herói grego à doença paralisante, que nos enreda a vida, com certeza corresponderia a desmerecer o valor desse corajoso personagem. Mas por que não podemos pensar na escolha de Freud como indicativo da possibilidade de cura da neurose? Édipo curou-se. Rompeu com o *véu de Maia*²⁵⁵ das sólidas imagens organizadoras de nossas relações com os outros e com a vida. Libertou-se da escravidão imposta pela fé na própria individualidade. E, claro, pela fé na individualidade alheia. Só assim pode-se criar nova vida. É justo isso que busco apreender com a expressão *perdição criadora*.

A trágica história de Édipo pode ser interpretada como longo processo de análise. E ela deve ser lida inteira. Ou seja: inclui *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*. Nas duas tragédias percebe-se como o emaranhado das pulsões inconscientes é lentamente desfeito. O Eu orgulhoso de si pelas qualidades de sua *personalidade*

²⁵³ Nietzsche, F. **O nascimento da tragédia**, p.53.

²⁵⁴ Fora da psicanálise, consultar por exemplo: VERNANT, J.P & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Édipo “sem complexo”*. Lacan, n’**O seminário 17** (1968-1969) – **O avesso da psicanálise**, afirma: “O complexo de Édipo é o sonho de Freud. Como todo sonho, precisa ser interpretado,” p.128.

²⁵⁵ Schopenhauer toma tal expressão do hinduísmo, onde ela é utilizada para significar a ilusão.

morre. Esta morte permite sua ampliação, com o acolhimento do Isso, do inconsciente.

Na segunda tragédia escrita por Sófocles sobre o rei de Tebas, Édipo está velho e cego. Condenado ao exílio, erra por terras alheias. Chega a Colono, nas cercanias de Atenas, e aloja-se em lugar interdito aos mortais. Ninguém pode ali demorar-se, pois tal sítio pertence às “deusas pavorosas”, as Eríneas. Divindades da vingança e da disputa, filhas das primevas Sombras. O simples pronunciamento de seu nome provoca tremor. Édipo, indiferente à advertência dos habitantes do local, ali permanece. Diante de sua história, que mal poderia ainda afetá-lo? Não teme as ações das Fúrias ou alguma outra ameaça. Não lhe resta nenhuma ilusão a sustentar. Exatamente aí, à margem da mais poderosa cidade grega, habitará Édipo pela eternidade. E, agora, o sacrílego desafiador dos deuses tornar-se-á sagrado.

Édipo desvendou o segredo da natureza, do homem e dos deuses, igualando-se a eles. Deparou-se com a verdade: o acaso, o imprevisível, a eterna disputa entre forças contrárias, são fundamento de qualquer vida. Essa descoberta deriva de sua trágica experiência, não de conhecimento teórico, alcançado pelo raciocínio abstrato. Amado e odiado pelos tebanos, salvador e algoz de sua pátria; assassino do próprio pai, marido daquela que o gerou; expulso de sua terra pelos que deveriam protegê-lo, seus filhos. Revelação do horror!

Diante dessa *visão*, o cego Édipo absolve-se. “Percebi que a minha ira me levara longe demais punindo-me por velhos erros. (...) Não! Eu não pequei!(...) Sou inocente diante da lei, pois fiz tudo sem premeditação.”²⁵⁶ E conclui: “Apesar das agruras, a minha existência não será triste, se esta for a minha sorte”²⁵⁷. O herói insiste na afirmação da vida. Eis a saúde do espírito grego, tão enaltecida por Nietzsche. Diante da consciência do absurdo da existência, não há outro caminho senão afirmá-la, transformando toda ruptura com certa organização em impulso para fundar novo mundo.

Naquela que será sua última tragédia, Sófocles apresenta textualmente a sabedoria de Sileno, expressão da consciência da miséria a que o homem foi condenado. Canta o coro: “Melhor seria não haver nascido; como segunda escolha bom seria voltar logo depois de ver a luz à mesma região de onde se

²⁵⁶ SÓFOCLES. *Édipo em Colono*.p.126,132,133. In. _____. **A trilogia tebana**.

²⁵⁷ SÓFOCLES. **A trilogia tebana**,p.145.

veio”.²⁵⁸ Segundo a verdade anunciada, não restaria aos homens outra coisa senão desejar morrer. Eis o niilismo. Ou, em termos freudianos, a expressão da pulsão de morte. Sófocles evoca a fala do *demônio* Sileno, sátiro preceptor de Dioniso, para demonstrar sua vitória sobre ele, invertendo o *valor* da verdade anunciada.²⁵⁹ A destruição é tomada como um bem, como impulso para ir mais além.

Nietzsche destaca que os gregos respondem a essa condenação com a arte, especificamente com a tragédia. Não recalcam o horror da existência. Ao contrário. Acolhem-no e transfiguram-no em beleza. Daí Nietzsche dizer que a vida só se justifica como fenômeno estético. E também ético. Não só na arte vemos expressar-se o espírito grego que acolhe as pulsões mais terríveis e as transmuta em vida. Sua religião também o evidencia. Os deuses gregos são passionais, competem entre si, afirmam seus desejos, entregam-se a seus afetos. Agem segundo suas paixões. Não são virtuosos e morais. O Olimpo grego expressa a interpretação daquele povo sobre a vida. Predomina neles vontade de poder ativa e afirmativa. Para Nietzsche, tal avaliação da vida dos gregos arcaicos será suplantada pela filosofia socrática. Ele vê imperar nesta filosofia vontade de poder reativa e negadora da vida, pois rejeita as pulsões e entroniza o ideal.

O herói trágico, ao contemplar a verdade, ao ver-se diante da inanidade das imagens que o sustentaram e seguem organizando os outros, sente náusea. Enoja-se do mundo. Como está fora da cena, do imaginário do sonho/fantasia individual e coletivo, percebe que tudo é atuação, que todos desempenham papéis e não veem o real. Por isso, para Nietzsche, ao herói é repulsivo atuar. Ele realiza atos, o que é bem distinto da atuação. Também encontramos a diferença entre ato e atuação na psicanálise e ela aproxima-se da distinção proposta por Nietzsche. Quando atuamos, representamos papéis pré-determinados por cenas imaginárias. O ato rompe com essas fantasias inconscientes e instaura o caos, por desorganizar a trama pulsional na qual o indivíduo estava preso. Por isso, demanda trabalho criativo.

Édipo encarna o herói trágico exemplar. Mas também Sófocles tem a força do herói. Afinal, com sua pena nos apresenta o mundo de tensões em conflito, resolve-o em beleza. O poeta trágico não representa a natureza, mas imita a luta de vontades geradora das formas, expressa o poder criativo na

²⁵⁸ SÓFOCLES. *A trilogia tebana*, p.167.

²⁵⁹ CASTRO, Claudia Maria de. *A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia*.

*physis*²⁶⁰. A arte “surge neste supremo perigo da vontade, só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver: são elas o *sublime*, enquanto domesticação artística do horrível.”²⁶¹ Talvez esteja aqui a melhor definição para o conceito de *sublimação* de Freud: discurso tecido a partir da angústia da defrontação com as pulsões.

O poder de transmutar o terrível em sublime não se restringe ao herói ou ao poeta trágico. Caracteriza o *homem forte*, nobre, que encara as próprias vilezas e a violência presente na vida como desafios à sua capacidade criadora. Eis a dimensão ética e terapêutica do pensamento de Nietzsche.

²⁶⁰ NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia.** Cap.2,p.30.

²⁶¹ NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia.** Cap.7,p.53

3.3

Amor fati: a saúde da doença

Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser algum dia, apenas alguém que diz Sim!²⁶²

Friederich Nietzsche

O estudo sobre a tragédia grega empreendido por Nietzsche desperta reflexão sobre a dimensão trágica da existência.²⁶³ O homem, qualquer um, depara-se com a ruptura das fantasias, imagens apolíneas, construídas para sustentar vida harmoniosa. A queda delas provoca dor e sofrimento. Sentimo-nos perdidos, sem rumo. O poeta trágico reconhece essa ruptura, graças ao concurso de Apolo e Dioniso. Acolhe a dissonância característica da existência e a transforma em beleza. Tal como o herói trágico, cada homem tem capacidade de amar o próprio destino, por mais terrível que se lhe apresente. E de transmutá-lo em nova vida. Eis o que Nietzsche entende por saúde.

A doença e a saúde são ideias diretrizes no pensamento de Nietzsche²⁶⁴. Talvez seja mais correto dizer que esse conflito marca profundamente toda a vida do filósofo. Desde jovem foi acometido por variedade de males físicos que o impediram de ler, alteraram sua fala, sua digestão. Em luta constante para livrar-se da doença, Nietzsche escreve sua obra, ela mesma expressão do que busco descrever como *perdição criadora*. Em 1888, sofre colapso nervoso e mergulha na loucura. Perdeu-se de vez. Alargou de tal forma as fronteiras da realidade que acabou imergindo no ilimitado. O diagnóstico mais reconhecido atribui esta *perdição destrutiva* à *tabes dorsalis*, lenta degeneração do sistema nervoso provocada por infecção sífilítica. O mesmo mal acometeu outros grandes criadores

²⁶² NIETZSCHE, F. **A gaia ciência** (1887), aforismo 236.

²⁶³ DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**, p.19-21; BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades**, p.73; CASTRO, Claudia Maria de. **A inversão da verdade. Notas sobre O nascimento da tragédia**.

²⁶⁴ Sigo a hipótese apresentada por Ariane Bilheran em **La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d'une psychanalyse des affects**.(2005). Na verdade, a autora afirma que a ideia diretriz é a doença, que só pode ser entendida em sua relação dinâmica com a saúde.

do século XIX, como Robert Schumann (1810-1856) e Guy de Maupassant (1850-1893). Em seus delírios, Nietzsche ora encarna Dioniso, ora Cristo, figuras importantes ao longo de toda sua obra. Morreu em 1900, aos 56 anos.

Nietzsche viveu a doença na própria carne. Sua filosofia constrói-se a partir dessa experiência. Ele não teorizou sobre a dinâmica saúde/doença, mas pensou, ou melhor, analisou o próprio sofrimento. Não à toa, Nietzsche relaciona estados do corpo às manifestações do espírito. Entende o pensamento como expressão de condições fisiológicas específicas. Sua doença forçou-lhe a solidão e o silêncio. Assim, pôde dar atenção mais acurada à palavra ouvida, lida ou proferida. A enfermidade permitiu-lhe, ou melhor, obrigou-o a viver apartado do cotidiano acelerado do “homem saudável”, que sempre está pronto a responder automaticamente aos estímulos. Esse “homem saudável” não coloca as próprias ações em questão, não se vê impelido a dar sentido a seu mal-estar. Prefere escondê-lo de si mesmo para seguir o ritmo da roda-viva coletiva.

Nietzsche entende vida e filosofia como um mesmo experimento. Portanto, não surpreende ver o tema saúde/doença no centro de suas reflexões. Para ele, qualquer construção do espírito – filosofia, moral, religião, arte, ciência – expressa embate de afetos que incidem no corpo, campo privilegiado do combate entre pulsões.²⁶⁵ A interpretação sobre a vida proposta por qualquer indivíduo, e por qualquer cultura, resulta do modo como lida com sua patologia. Isto é: com seu *pathos*, com as paixões que o afetam. A capacidade de digestão das situações vivenciadas indica aptidão para a sanidade ou para a morbidez²⁶⁶.

O filósofo propõe nova interpretação sobre saúde e doença. Não há possibilidade de uma existir sem a outra, elas não estão em campos opostos. A doença deve ser entendida como condição da saúde. O sofrimento imposto demanda do doente trabalho para superar o estado mórbido, permitindo com isso a ampliação de seu poder. A doença expressa o caótico, o múltiplo, o imprevisto. Indica a ruptura com certa ordem de funcionamento, impelindo a construção de

²⁶⁵ BLONDEL, Eric. **Nietzsche, le corps et la culture**. Blondel dedica um capítulo deste trabalho a tema – *Le corps et les métaphores*, pp.275-319.

²⁶⁶ Em **Genealogia da moral**, Nietzsche usa a metáfora da digestão diversas vezes. Já no prólogo afirma que o homem moderno não tem habilidade de *ruminar* sobre um problema, um ato, uma situação. E ela é imprescindível à interpretação. Na terceira dissertação, assevera: “Se alguém não dá conta de sua ‘dor da alma’, isto não vem, falando cruamente, de sua ‘alma’; mais provavelmente, de seu ventre (...) Um homem forte e bem logrado digere suas vivências (feitos e malfeitos incluídos) como suas refeições, mesmo quando tem de engolir duros bocados”.p.119.

nova configuração. O indivíduo que não sofre tende a permanecer, a conservar sua condição atual. Vive de maneira empobrecida.

No prólogo de *A gaia ciência* (1882-1887), afirma Nietzsche: “Da enfermidade da grave suspeita voltamos *renascidos*, de pele mudada, mais suscetíveis, mais maldosos, com gosto mais sutil para a alegria, com língua mais delicada para todas as coisas boas, com sentidos mais risonhos.”²⁶⁷ Esse livro evidencia de modo mais claro a concepção de Nietzsche sobre saúde e doença. O filósofo o considera o canto de convalescença de alguém que muito sofreu e que começa a recobrar o vigor. Nietzsche chega a duvidar da possibilidade de o leitor entendê-lo, caso não tenha passado pela mesma vivência: a profunda morbidez e o recuperar da saúde. A ciência jovial, leve, o conhecimento alegre são uma conquista. Resultam da paciente resistência contra a enfermidade. E de sua superação. Ato heróico! Depois de período mergulhado na sombra da moléstia, o indivíduo recupera a força. E mantém-se numa “*gaiata* indiferença frente à norma”.²⁶⁸

Para Nietzsche, a saúde não pode ser entendida como estado permanente, mas como processo dinâmico de ultrapassamento. Corresponde ao triunfo contínuo e cotidiano sobre aquilo que em nós quer morrer. Vejo aí o reviramento da pulsão de morte em pulsão de vida. A doença é a irrupção da violência, do desregramento. Inevitável, portanto. E indispensável, diria Nietzsche. Deveríamos ser gratos a ela, pois, por meio de sua superação, sofisticamos nosso olhar. Desenvolvemos nosso conhecimento sobre nós e sobre o mundo; descobrimos nossas virtudes. E estas não têm aqui qualquer conotação moral, mostram as qualidades despertadas na luta pela afirmação da vida, independente dos desafios imprevistos enfrentados por nós.

A doença desperta o niilismo diante dos horrores de nossas vivências. Expressa o desgosto diante da falência de uma ordem. A vida, antes iluminada por verdade incontestável, que assegurava finalidade à existência, mergulha na escuridão²⁶⁹. Eis a “morte de Deus”. O que está moribundo é qualquer idéia ou axioma alçado ao lugar sagrado de verdade absoluta, incontestável²⁷⁰. O caráter

²⁶⁷ NIETZSCHE, F. (1887) *A gaia ciência*. Prólogo, aforismo 3.

²⁶⁸ SOUZA, Paulo César. *Pósfácio*. In: NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*, p.335.

²⁶⁹ Corresponderia, em Freud, à melancolia.

²⁷⁰ Nietzsche anuncia a morte de Deus no aforismo 108 de *A gaia ciência*. Os aforismos seguintes abordam a questão da verdade. Na terceira dissertação (aforismos 24, 25 e 27) de *Genealogia da*

geral do mundo é o caos, anuncia Nietzsche. Qualquer ordem constitui-se por um antropomorfismo estético imposto àquilo que nos afeta. A perda desse continente seguro provoca náusea, aversão à antiga âncora. Mas também tédio, fastio. Vontade de nada.

Mas o niilismo, em si, não é mau, constata Nietzsche. O sofrimento daí decorrente pode derivar em reinvenção e ampliação da vida. Mais uma vez vemos nos diante da *perdição criadora*: perder-se da trilha coletiva e construir novos caminhos. Contudo, desse quadro também resulta a recusa do viver. Há, portanto, o *niilismo de vida* e o *niilismo de morte*. Cada um responde de maneira particular à adversidade. “O veneno que faz morrer a natureza frágil é um fortificante para o forte – e ele nem o chama de veneno”²⁷¹.

No *niilismo de vida*, a frustração, a desgraça, abalam a crença naquilo que dava segurança e amparava. O sofrimento impele à descoberta de solução, empurra na busca de outras respostas, novas trilhas, pois as velhas não mais se sustentam. Provoca a suspeita dos valores que constituem o mundo conhecido, a perda de confiança em seu poder organizador. A criação depende dessa decadência. Buscamos o novo quando o estabelecido mostrou-se incapaz de dar sentido aos enigmas com os quais nos deparamos, de alimentar nossa fé na vida.

Nietzsche reconhece o medo presente nesse processo. No entanto, o assume como sentimento fundamental. Ele é útil ao organismo quando se torna provisório, pois impele à metamorfose, nos guarda da tendência conservadora. Assim surgem os espíritos livres²⁷², ou, como os nomeio, os *perdidos criativos*. No niilismo de vida, não se foge dos afetos nem das vontades perturbadores em busca de um suposto equilíbrio. Mergulha-se, perde-se neles. Investiga-se suas causas, reflete-se sobre seus efeitos, sobre as ações que executam. Assim, pode-se retornar à superfície leve, como um dançarino. Aprende-se a curar a alma com novos cantos, novas líras²⁷³.

moral também propõe a relação entre a morte de Deus e a decadência da idéia de verdade universal. Daí propor que a Ciência, alçada ao lugar de opositora da religião, é, na verdade, uma continuação dela, pois sustenta a crença na verdade.

²⁷¹ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro I, aforismo 19.

²⁷² A expressão ‘espírito livre’ designa aqueles que suspeitam de toda metafísica ou religião. Nietzsche o formula em **Humano, demasiado humano** (1878). “É lícito supor que um espírito, em que o tipo ‘espírito livre’ haja de tornar-se, um dia, maduro e doce até à plenitude, tenha tido o seu acontecimento decisivo numa *grande separação* e que, anteriormente, tivesse sido tanto mais um espírito comprometido e parecesse para sempre amarrado ao seu cantinho”, p.12.

²⁷³ NIETZSCHE, N. **Assim falou Zarathustra**. Parte III. O convalescente.

O *niilismo de morte* responde à emergência do caos com o reforço da moral vigente. Considera qualquer manifestação oposta à ordem estabelecida um erro, um pecado. Nega a doença, tenta fugir dos afetos mórbidos, recalca-los. Enfrentá-los impeliria à transformação. Mas isso requer coragem, fé na própria força de sobrepujar a desordem instaurada. Nietzsche afirma que os espíritos fracos são tomados pela fadiga e pela inibição. Não toleram a angústia, pois não se comprometem com sua superação. Nas palavras do filósofo:

Enfim, permaneceria aberta a grande questão de saber se podemos *prescindir* da doença, até para o desenvolvimento de nossa virtude, e se a nossa avidez de conhecimento e autoconhecimento não necessitaria tanto da alma doente quanto da sã; em suma, se a exclusiva vontade de saúde não seria um preconceito, uma covardia e talvez um quê de refinado barbarismo e retrocesso. (Nietzsche [1882-1887]2002, Livro III, #120).

Mesmo a ciência inclui-se como expressão do niilismo de morte. Ela responde de maneira universal a qualquer processo e se furta à investigação do particular. Assim faz a medicina. Nietzsche recusa o ideal normatizador da ciência médica, que cria categorias universais para avaliar a saúde e a doença. O conhecimento médico apresenta-se, dessa maneira, tão moralizante quanto a religião ou a filosofia idealista, desenvolvidas a partir da busca da estabilidade das essências²⁷⁴. Não reconhece a multiplicidade de estados vividos por cada pessoa, provocados em diferentes situações. Aquilo que parece bom a alguém, não satisfaz outra pessoa. Cada um define de modo particular seu bem. Seus impulsos e seus erros. Seus encontros e desencontros. As fantasias de sua alma decidem sobre a especificidade da cura.

Não há, portanto, uma saúde, mas múltiplas. Elas dependem da maneira como cada um tempera a vida, da dieta que lhe parece mais saborosa. Não há fórmula para a nutrição do espírito. Um indivíduo caracteriza-se por inúmeras particularidades. Sua saúde constrói-se a partir delas. Relaciona-se à maneira específica como ele responde às necessidades e conflitos, aos desejos e desafios. Trata-se de um estado, sempre transitório. Afinal, novos tropeços despertam sentimentos e desordens ainda desconhecidos. A suposição de que haja *uma* saúde, *uma* normalidade, corresponde à crença em *uma* resposta universal e

²⁷⁴ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Terceira dissertação.

verdadeira aos problemas da vida. É a negação da diferença individual, da singularidade. Associa-se ao ideal moderno da “igualdade dos homens”. Corresponde ao “instinto de rebanho”, em que importa mais estar de acordo com o coletivo do que consigo. Jamais perder-se.

A busca da própria saúde requer o afastamento do rebanho. Ela demanda o trabalho de descoberta. Exige tomar a si próprio como enigma, experimentar-se. Pensar nossos horrores, nossa vilezas, nossos prazeres. Perder-se em si, para criar-se outro. Nessa aventura, não há um senhor, um ideal, que defina o bom ou o mau, o sucesso ou o fracasso, o erro ou o acerto. Tudo constitui matéria para variar a palheta dos quadros que pintamos. Qualquer vivência, prazerosa ou desprazerosa, permite-nos aumentar nossa força e chegar à vida mais rica. Aliás, a dor mostra-se mais educativa que o prazer. Ela exige a pausa, o pensamento, o movimento em busca de seu fim. Amar nosso destino: agradecer toda doença, desgraça e imperfeição que nos apareça. Assim escapamos aos hábitos duradouros, às armaduras paralisantes e pesadas, que nos atrapalham andar e dançar.

Podemos ver em Nietzsche a diferenciação entre *doença como meio* e *doença como fim*. Cada uma delas corresponde a um tipo de saúde²⁷⁵. A *doença como meio* acolhe as patologias. E luta por superá-las. Trata-se de postura afirmativa diante da dor e do sofrimento. Eles apresentam-se como inevitáveis. Constituem a matéria própria da vida. São obstáculos a serem confrontados e vencidos. Compõem o dinamismo da existência. Estimulam a ampliação de nossa força. Eis o *eterno retorno*: o caos irrompe em sistema ordenado, provocando sua alteração. Isso pode levar à constituição de nova configuração. Mas os caos retornará, sempre. “Tudo se desfaz, tudo é refeito; eternamente constrói-se a mesma casa do ser”²⁷⁶. O eterno retorno diz respeito tanto à saúde como à doença. Uma não existe sem a outra. O mal conclama potência inaudita em direção à superação do humano, ou, em termos mais nietzscheanos, ao “*além do homem*”²⁷⁷. A doença como meio impulsiona para a *grande saúde*.

Nós, os novos, sem nome, de difícil compreensão, nós, rebentos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos,

²⁷⁵ BILHERAN, Ariane. **La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d’une psychanalyse des affects.**(2005),p.37,40.

²⁷⁶ NIETZSCHE, N. **Assim falou Zaratustra.** Parte III. O convalescente.

²⁷⁷ BILHERAN, A. **La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d’une psychanalyse des affects** (2005). “L’éternel retour n’est pas seulement la source de pathologies durables qui affaiblissent et éloignent de la santé. Car, s’agissant du surhumain, il révèle et convoque une puissance inouïe, et manifeste ainsi la grande santé,”p.57.

para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma *nova saúde*, mais forte, alerta, alegre, firme, audaz que todas as saúdes até agora. Aquele cuja alma anseia haver experimentado o inteiro compasso dos valores e desejos até hoje existentes e haver navegado as praias todas desse ‘Mediterrâneo’ ideal, aquele que quer, mediante as aventuras da vivência mais sua, saber como se sente um conquistador e descobridor de um ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um homem devoto, um adivinho, um divino excêntrico como outrora: para isso necessita mais e antes de tudo uma coisa, *a grande saúde* – uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar...(...) nós, argonautas do ideal, mais corajosos talvez do que seria prudente, e com frequência náufragos e sofridos, mas, como disse, mais são do que nos concederiam, perigosamente, sempre novamente são – quer nos parecer como se tivéssemos como paga por isso, uma terra ainda desconhecida à nossa frente, cujos limites ainda ninguém divisou, um além de todos os cantos e quadrantes do ideal. (Nietzsche [1882-1887]2002, Livro V, #382).

A grande saúde caracteriza aquele que padece do sofrimento provocado pelo risco, por aventurar-se para além do conhecido e garantido. Quem faz isso sempre perde e ganha, tropeça e levanta. Com certeza luta. Como proponho, perdeu-se no encantamento por algo e insistiu na sua perdição. E produziu vida nova, mais intensa justamente pelo perigo em jogo. A *grande saúde* é dionisíaca. Não visa abater por completo as zonas de sombra, o que seria impossível. Ao reconhecê-las, as inclui no movimento de alegria por sua superação²⁷⁸.

A *doença como fim* diz respeito à permanência no estado de sofrimento, sob a aparência de tranquilidade. Ela corresponde à ideia de *saúde conforto*, defendida pelo senso comum. Este entende saúde como ausência de perturbações, bem-estar e equilíbrio. Esse estado sustenta-se na conservação de uma única ordem, definida como ideal pela coletividade. Nietzsche não o vê como expressão efetiva da saúde. Ao contrário: nomeia esse impulso pelo autodomínio como “doença moral”²⁷⁹. Considera a fuga do sofrimento bem mais patológica do que a luta corajosa contra o sofrimento.

Na busca pela *saúde conforto*, observa-se constante irritabilidade para com emoções e inclinações naturais, como a agressividade e a violência. Estas são

²⁷⁸ BILHERAN, A. *La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d’une psychanalyse des affects* (2005), p.47

²⁷⁹ NIETZSCHE, F. *A gaia cência*. Livro IV, aforismo 305.

consideradas más pela ordem estabelecida. Os indivíduos que assim vivem recalcam todo afeto ou impulso proscrito. Eles se mantêm em constante atitude de defesa contra si mesmos e contra os outros. Principalmente contra aqueles que não rezam para o mesmo ideal. Esses indivíduos “corretos” fogem do conflito, evitam imprevistos. Afastam-se do medo e do perigo. Consideram-se, por isso, saudáveis. Mas vivem de modo empobrecido, apartados das mais belas “casualidades da alma”. Não têm acesso a nova instrução, “pois é preciso saber ocasionalmente perder-se, quando queremos aprender algo das coisas que nós próprios não somos”²⁸⁰. Na instabilidade descobrimos o estranho que nos habita.

O instinto de rebanho rege aqueles que buscam conservar, nomeados por Nietzsche de *homens fracos*. São previsíveis, sensatos. Sentem-se em dívida constante com os ideais coletivos e agem automaticamente para pagar essa conta. Orientam-se segundo a prescrição moral. São cidadãos úteis. Acabam por negar a vida, pois têm de encolher-se à verdade estabelecida. Só sob seu manto conseguem olhar o mundo. O *homem fraco* culpa-se quando não está de acordo com os demais. Ao mesmo tempo, calcula todas suas ações, cuja finalidade está sempre programada a princípio, já que não encara o risco. Não se deixa desencaminhar. Tampouco se permite deixar levar por impulso intenso em direção desconhecida. No entanto, mesmo cumpridor de seus deveres, segue insatisfeito consigo. Nutre o ressentimento e tenta se vingar dos que se libertaram dessa opressão.

Nietzsche concebe qualquer organismo como complexo de forças, de vontades em luta por se afirmar. O indivíduo, portanto, não é uno, mas experimenta continuamente o conflito de forças. A luta interna transforma-se em criação se reconhecemos essa disputa e a atualizamos sempre de maneira diversa. Assim ampliamos nosso saber e domínio sobre elas. Contudo, o conflito interno torna-se destruição se o sufocamos para continuarmos fiéis a uma imagem. A negação desse conflito se faz ao preço da mortificação da potência do indivíduo, consumido pela disputa interna que não pode reconhecer. Destrói a si e todo aquele que apresenta questionamento à ladainha do rebanho. A *grande saúde* exige o exercício perene de reter o olhar sobre o trabalho secreto dos instintos.²⁸¹

²⁸⁰ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 305.

²⁸¹ MARTON, Scarlet. **Das forças cósmicas aos valores**, p.55.

O *homem fraco* jamais se submete a uma paixão. Não se coloca como servo dela, pois acha que isso seria vulgar. Justamente por ser fraco, sente o servir como prática menor. Nada consegue construir, portanto. Já o *homem forte* sujeita-se à lei de seu querer, reconhece que desfrutará sua maior alegria nessa coação. O demorado e cotidiano trabalho lhe permite dominá-lo. Por se colocar como escravo, o *homem forte* amplia sua potência e torna-se senhor. Mas só aos olhos dos outros, pois segue, perenemente, sua luta por dominação, por superar a si mesmo²⁸².

Para Nietzsche, apenas a grande dor libera o espírito. Só ela permite a grande suspeita de todo universal imposto. Impele, desse modo, à criação. Eis a *grande saúde*: resistir a qualquer paz derradeira; querer o eterno retorno da guerra; renunciar à verdade pronta, confortável, estável, que durante séculos correspondeu à imagem de Deus; manter-se em contínua suspeita; buscar, em todas as coisas, o que nelas deve ser superado²⁸³. O *homem fraco* ou *vulgar* foge ao combate. O *homem forte* ou *nobre* é mais insensato. “Em seus melhores momentos a sua razão faz uma pausa”.²⁸⁴ Reconhece suas paixões, aceita-as como desafio para sua superação. Perde-se nelas para achar-se de modo distinto. Experimenta, como proponho, a *perdição criadora*. O próprio Nietzsche apresenta-se como excelente exemplo dessa experiência: “Eu sei mais sobre a vida porque frequentemente estive a ponto de perdê-la; e justamente por isso *obtenho* mais da vida do que todos vocês”²⁸⁵.

²⁸² NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Livro II. Do superar a si mesmo.

²⁸³ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro IV, aforismos 283 e 285.

²⁸⁴ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro I, aforismo 3.

²⁸⁵ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Livro IV, aforismo 303.

3.4

Genealogia e transmutação dos valores

Há uma honestidade que sempre faltou aos fundadores de religiões e pessoas desse tipo: eles nunca fizeram de suas vivências uma questão de consciência para o conhecimento. (...) Mas nós, sequiosos de razão, queremos examinar nossas vivências do modo rigoroso como se faz uma experiência científica, hora a hora, e dia a dia! Queremos ser nossos experimentos e nossas cobaias.²⁸⁶

[o filósofo] tem hoje o *dever* da desconfiança, do olhar oblíquo e malicioso a partir de abismos de suspeita.²⁸⁷

Friederich Nietzsche

A *grande saúde* implica a capacidade de perder-se. A renúncia aos hábitos duradouros, que tornam a vida pesada, por exigirem fidelidade e fixação, permite a afirmação de vontades desconhecidas. Os hábitos breves apresentam-se mais saudáveis, pois nos levam a conhecer muitas coisas, naquilo que elas trazem de doce e de amargo²⁸⁸. Se somos um complexo de vontades em permanente luta por expressão e dominação, nada mais compreensível do que o surgimento do apetite por diferentes ideias, pessoas, comidas, de acordo com a situação vivida aqui/agora. Isso só não ocorre se devemos lealdade a um único ideal. Este define como erro e falta qualquer aventura distinta daquelas por ele prescritas, julgando-as más.

Contudo, como surgem os conceitos *bom* e *mau*? Esta pergunta move a análise de Nietzsche em *A genealogia da moral* (1887). Tais valores não são naturais. Os homens os criam para atender algum interesse. Expressam, portanto, avaliações sobre a vida, jamais a verdade essencial sobre as coisas. Essas avaliações engendram morais, constituem culturas e ordenam indivíduos.

²⁸⁶ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 319.

²⁸⁷ NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Aforismo 34.

²⁸⁸ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 295.

Para Nietzsche, os valores constroem-se a partir do conflito de afetos incidente no corpo²⁸⁹. A suposição de que decorrem de reflexão espiritual ou intelectual esconde sua finalidade primeira: responder às tensões corporais; buscar o prazer e interromper o desprazer; eliminar ou provocar dor. Nossos valores, nossos sins e nãoos, nascem por necessidade afetiva. Estão relacionados entre si, testemunham uma vontade, um terreno, um sol²⁹⁰. Visam pacificar alguma confusão de forças provocada pela experiência.

Freud faz a mesma constatação. No breve texto *A negativa* (1925), ele observa que o *juízo de atribuição* antecede o *juízo de existência*. Antes de identificar a realidade de alguma coisa ou da constatação de um fato, o psiquismo procede a um julgamento. Avalia aquele estímulo como bom ou mau, em virtude do prazer ou desprazer provocado. E a interpretação dele decorrerá das intensidades afetivas vividas. Aquelas representações muito aflitivas são recalçadas, permanecem fora da consciência. E, assim, da realidade. Outras são acolhidas. Dessa maneira o homem constrói sua percepção sobre o mundo.

Nietzsche descreve o homem como o mais doente, inseguro, inconstante e indeterminado animal. Sua doença decorre da necessidade de dar sentido ao sofrimento. A luta contra o desprazer, experimentado em seu corpo, o impele a buscar um causa para sua dor para, assim, tentar diminuí-la.²⁹¹ Os valores emprestam interpretações às sensações fisiológicas, buscam apaziguá-las. E a vida se constrói a partir desses valores, que constituem artigos de fé contra a “depressão fisiológica”. Mas Nietzsche coloca a questão: que vida engendram certos tipos de valores?

Todo o pensamento, toda atividade espiritual, apresenta-se como resposta inconsciente ao embate de forças presente em nosso corpo. Impulsos diferentes lutam entre si e impelem a certas avaliações sobre as situações. Transformadas em palavras por nossa consciência, tais valorações subjetivas acabam por assumir caráter de verdades reveladas. Ou mesmo lógicas sólida e racionalmente construídas. Pura ilusão. Porém, ilusões que fabricam o mundo humano.

Ao privilegiar o corpo, e as sensações que cada indivíduo particular experimenta, Nietzsche opõe-se à filosofia tradicional e à ciência. Para ele, sob o

²⁸⁹ BILHERAN, A. **La maladie, critère des valeurs chez Nietzsche. Premice d'une psychanalyse des affects** (2005) e BLONDEL, Eric. **Nietzsche, le corps et la culture**.

²⁹⁰ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Prólogo, aforismo 2.

²⁹¹ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Terceira dissertação, aforismos 13, 17, 28.

biombo da busca da verdade universal, as duas agem, veladamente, tal como a religião ou a moral, para impedir o pensamento. Ambas não reconhecem a pluralidade de vontades, em guerra constante, que impossibilitam a sustentação de essências e substâncias.

Nietzsche nomeia-se ora como filósofo médico ora como filósofo do futuro. Ou ainda como psicólogo. Este tem como tarefa investigar a origem dos valores a partir dos quais indivíduos e culturas se ordenam. E identificar o tipo de avaliação da vida e de interpretação dos fenômenos que eles instauram. A isso dá o nome de genealogia. Trata-se de descobrir as condições nas quais os valores são gerados para possibilitar sua suspensão. E, então, chegar à *transmutação dos valores*, inspirados em diferente maneira de avaliar a vida.

Já no prólogo de *Genealogia da moral*, Nietzsche denuncia os homens do conhecimento como desconhecidos de si mesmos. Afinal, não se colocaram a pensar em si; estiveram constantemente ausentes das próprias experiências. Seu alvo duradouro sempre foi o universal. Para Nietzsche, a metafísica constitui forma sofisticada de defesa da moral. E, portanto, uma das mais nocivas expressões dela. Torna-se imperioso, então, avaliar os valores que alimentaram as interpretações realizadas pelos filósofos. Qualquer interpretação sobre o mundo é efeito de uma hierarquização. Resulta da escolha das forças que prevalecem em determinada situação e da vontade de poder que impera naquele momento. Essa escolha já denota avaliação sobre a vida.

Desde Platão, a filosofia desprezou o corpo e os sentidos como fonte do conhecimento. Negou impulsos naturais como a força, a agressividade, a sexualidade. Para Nietzsche, tais manifestações assumiam a valoração de bom na moral do *homem nobre*. Este amava a guerra e a disputa, a caça e a dança. Os juízos de valor da moral aristocrático-cavalheiresca enaltecem a coragem individual; o amor a si mesmo e a ação em benefício próprio. O nobre, o forte, estabelece seus próprios atos como bons. Considera o inimigo tão bom quanto ele, caso demonstre igual valentia e intemperividade. O valor mau deriva de seu narcisismo. Constrói-se em contraste à bela imagem que tem de si. E dirige-se, sem rancor, ao fraco e ao covarde.

O *homem nobre* é aquele que age simplesmente para afirmar sua diferença. Impõe-se aos outros com vistas a garantir a realização de sua paixão, e não pelo simples prazer de destruir aquele que lhe é estranho. Sua alegria reside no ato de

afirmação de sua singularidade. O *homem nobre/forte* anuncia: “Eu sou bom!” Ama a si em primeiro lugar. Não acusa ninguém. A luta contra o outro não rege sua ação. Ela resulta da insistência em sua vontade de poder.²⁹²

Depois da moral nobre, surgiu o modo de valoração sacerdotal. Nietzsche ressalta que ela operou radical transmutação dos valores. Bom não mais se referia à ação. Nem à violência ou à guerra. Designava a contemplação, o jejum e a continência sexual. O homem tornou-se mais profundo. Um “animal interessante”, diferente dos outros animais. Desenvolveu o espírito e o intelecto. Valorizou o equilíbrio. Mas também passou a cultivar a maldade e o ressentimento.²⁹³

Impedido de afirmar sua agressividade por meio de ações, o ódio no sacerdote assumiu grandes proporções. Nietzsche denomina a moral do sacerdote de moral escrava, reativa, pois requer sempre um mundo exterior ao qual se opõe. Dizer “não” é sua maior ação, seu ato criador. Esse grande e sonoro “Não!” dirige-se à própria vida, negada em sua multiplicidade e em sua força. O *homem escravo/fraco* acusa: “Tu és mau, portanto eu sou bom”.²⁹⁴ Seus valores derivam da comparação com o outro, não se constroem a partir da própria experiência. O *homem fraco* odeia tudo que difere dele mesmo, qualquer coisa que perturbe a morna estabilidade de seu viver. Seu olhar nunca pousa sobre si. Sempre se dirige para fora, para o outro, considerado mau.

Nietzsche identifica os judeus, “povo de sacerdotes”, como os grandes responsáveis pela afirmação da moral escrava e a consequente decadência dos valores aristocráticos. O cristianismo deu-lhe irresistível poder de sedução e expandiu-a por todo Ocidente. O desprezo de si e o sacrifício individual em proveito da comunidade; a virtude como utilidade pública; a compaixão; o equilíbrio: eis alguns aspectos da definição do bom para a moral do escravo. Esses valores caracterizam, segundo Nietzsche, uma cultura decadente, defendida não apenas pela religião judaico-cristã, mas também por inúmeros filósofos desde Sócrates.

Para Nietzsche, Sócrates alçou o *homem fraco* ao lugar de legislador. E os valores por ele sustentados apresentam-se como inquestionáveis. Na interpretação

²⁹² NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Primeira dissertação, aforismo 10.; e DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**, p.100.

²⁹³ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Primeira dissertação, aforismo 6.

²⁹⁴ DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**, p.100.

de Nietzsche, o filósofo grego considera os sentidos e as sensações fontes de erro no julgamento sobre a vida. Segundo esta perspectiva, só a razão, o raciocínio lógico elaborado pelo filósofo em sua ascese, permitiria ao homem a contemplação da essência das coisas e do mundo. A embriaguez, o ímpeto e a intensidade dionisíacas, estímulos para a mudança, são banidos e taxados de *maus*. Fundamental na cultura trágica, a *hybris* – irrupção da violência, violação soberba das leis divinas, naturais ou comunitárias²⁹⁵ – passa a ser recalcada com veemência.

O *homem nobre* ou o *espírito livre* reconhece a mutabilidade dos valores. Para ele não há erro. Se amou uma verdade outrora e hoje ela não se sustenta, é porque não mais necessita daquela interpretação. Tornou-se outro, mudou de pele. Retirou tela que lhe impedia olhar mais acurado. “Foi sua nova vida que matou para você aquela opinião, não sua razão: *you do not need it anymore*, e agora ela se despedaça e a irracionalidade surge dentro dela como um verme que vem à luz”.²⁹⁶ O *homem forte* não se ressentiu disso. Reconhece na queda de valores a oportunidade de novas descobertas. Está disponível ao *dever* e não aprisionado ao *ser*. Tal como os sofistas, considera o discurso instrumento para dar conta do conflito de forças presente em situação específica. Outro momento exigirá nova interpretação. A dor experimentada no processo de transformação reverte-se em vida mais rica. Leve e alegre. Afinal, o acolhimento das forças desconhecidas, que querem viver e se afirmar, resolve a batalha interna. Armistício temporário, vale ressaltar. O *homem nobre* busca constantemente o *além do homem*, a superação de si.²⁹⁷

O *homem fraco* ou *escravo* entende bom e mau como valores absolutos e permanentes. Ele não julga a ação de acordo com as variáveis implicadas no momento específico de sua execução. É regido pelo instinto de rebanho, sempre tem que estar de acordo com o grupo. Teme a aventura do caminho solitário, sufoca a manifestação de forças em desacordo com o ideal coletivo, alçadas ao lugar de verdade imutável. Esse tipo de homem difama toda mudança, criação ou transformação. Quer conservar. Severamente contido pelo costume, mantém forte vigilância entre seus pares. Cultiva ódio intenso ao estranho, ao estrangeiro.

²⁹⁵ NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. Terceira dissertação, aforismo 9.

²⁹⁶ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Aforismo 307.

²⁹⁷ NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Segunda parte. Do superar a si mesmo.

Eles [os homens fracos] rondam entre nós como censuras vivas, como advertências dirigidas a nós – como se saúde, boa constituição, força, orgulho, sentimento de força fossem em si coisas viciosas, às quais um dia se devesse pagar, e pagar amargamente: oh, como eles mesmos estão no fundo dispostos a *fazer* pagar, como anseiam ser *carrascos*! Entre eles encontra-se em abundância os vingativos mascarados de juízes, que permanentemente levam na boca, como baba venenosa, a palavra *justiça* e andam sempre de lábios em bico, prontos a cuspir em todo aquele que não tenha olhar insatisfeito e siga seu caminho de ânimo tranquilo. Entre eles não falta igualmente a mais nojenta espécie de vaidosos, os monstros de mendacidade que buscam aparecer ‘almas belas’” (Nietzsche (1887b) 1998; 3 #14).

O *homem fraco* agarra-se nessa moral. Recorre a ela para apaziguar sua dor. A partir dela dá significação ao sofrimento e ordena a confusão de vontades presente em seu corpo. Nietzsche reconhece na valoração ascética do sacerdote forma de proteção contra a degeneração da vida. Sem ela o *homem escravo* se destruiria rapidamente, entregue ao niilismo. O sacerdote oferece motivos para o animal de rebanho seguir com “fé na vida”. Reconheço que a expressão é imprópria, pois a vida oferecida apresenta-se empobrecida. Limitada e cinza. A fé do *homem fraco*, destaca Nietzsche, dirige-se à “outra vida”. Enaltece outro mundo, transcendente. Considerado, ele sim, a vida verdadeira.

A moral escrava, ascética, demonstra certa inibição e obstrução fisiológica. Nega a existência de instintos vitais, como a crueldade, a destruição e a vontade de poder. “Instintos artistas”, responsáveis por qualquer criação e descoberta de novos mundos. A negação desses instintos, seu *recalque*, gera a *má consciência*. Trata-se de “falsa consciência”. Germina sobre a culpa e o ressentimento. Afinal, os instintos não direcionados para fora *voltam-se para dentro*, diminuindo a capacidade criadora dos indivíduos e alimentando o rancor e a inveja.²⁹⁸

A vontade de poder também atua no *homem fraco*. Mas “contra” ele, e a favor do ideal. O problema agrava-se quando esse homem coloca seus ideais negativos acima dos demais. Tiraniza, assim, o *homem nobre*, mais saudável que ele. Na realidade, tiraniza a si mesmo, apesar de não reconhecê-lo. No animal de rebanho, a potência destrutiva opera na redução da própria força. Por isso ele é fraco. Essa vontade aniquiladora também se manifesta no ódio ao *homem forte*, que se entrega às próprias paixões.

²⁹⁸ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Segunda dissertação, aforismos 14 e 16.

Uma força, uma vontade, pode ser ativa ou reativa.²⁹⁹ Essas qualidades não são, porém, absolutas. Estabelecem-se nas situações específicas, onde a força entra em contato com outras forças. O modo como a vontade se impõe sobre as outras determina se ela é ativa ou reativa. Ao relacionar sua tipologia de homem à vontade, Nietzsche esclarece as noções de ativo e reativo. O *homem fraco* ou *escravo* expressa vontade reativa. Mesmo quando obedece, quando se submete à força ativa, opera para diminuir e restringir a intensidade dela, para “separar a força daquilo que ela pode”. Ou seja, a vontade reativa trabalha para diminuir, destruir, neutralizar a força ativa. Ela não destrói por consequência de sua afirmação; sua afirmação está no destruir a diferença expressada pela força ativa. A vontade de poder da força reativa é a negação da vida. A moral do escravo diz sempre não, o máximo de seu ato criador.

A vontade de poder da força ativa é afirmativa. Manifesta-se na sua disponibilidade de ser afetada. Está aberta à contingência, ao aqui/agora. Inclua-se nessa suscetibilidade à afetação o submeter-se a outras forças, quando as reconhece como superiores. O homem nobre não vê problema em servir, pois ama a si e tudo aquilo que se apresente para ampliar a própria força. Acolhe a mutabilidade do devir. A força reativa quer exterminar tudo aquilo que perturbe seu estado, trabalha para fixar seu suposto ser.

Para Nietzsche, o papel do psicólogo consiste em colocar os valores morais em questão. Como genealogista, examina as condições e circunstâncias de seu nascimento e de seu desenvolvimento, além de suas modificações. Relaciona os valores com o tipo de avaliação da vida que propõem. Pergunta-se: tais valores afirmam ou negam a vida? A vontade de poder soberana, no indivíduo ou na cultura, é ativa ou reativa?

Nossas ações e nosso gosto estão impregnados de valores morais. O psicólogo tem que trabalhar para percebê-los atuando em si mesmo. Nietzsche exorta-nos à suspeita: “Desconfiemos antes de tudo, senhores, dos nossos primeiros impulsos! *Eles são quase sempre bons.*”³⁰⁰ Nossas ações expressam o resultado do conflito de forças presentes em cada situação. Não há um sujeito no

²⁹⁹ DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. [1962] 1976, pp.35-36. Sigo a interpretação de Deleuze sobre a idéia de força ativa e força reativa.

³⁰⁰ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Terceira dissertação, aforismo 20.

comando.³⁰¹ Por isso, faz-se necessária a atitude de contínua suspeita em relação a nós. Devemos interpretar nossas vivências, porém, só depois de elas ocorrerem. “Raramente nos tornamos conscientes do verdadeiro *pathos* de cada período da vida enquanto nele estamos, mas achamos sempre que ele é o único estado então possível e razoável para nós, um *ethos*, não um *pathos*.”³⁰² Se o trabalho da suspeição não se dá, as interpretações ficam impregnadas de preceitos morais. Mesmo quando se apresentam como verdades objetivas e neutras.

A moral escrava rege a cultura ocidental, fundamentada nos valores judaico-cristãos. Para Nietzsche, trata-se de cultura decadente, pois se afirma sobre idéias como bem-estar, paz e compaixão. A fraqueza e o ressentimento levaram à negação dos valores aristocráticos, presentes na Antiguidade Clássica e no Renascimento.³⁰³ Daí a necessidade de nova transmutação dos valores, da criação de sensibilidade não mais sustentada no ressentimento – que julga, acusa e distribui culpas (judaísmo); na má consciência – que interioriza a culpa e mortifica a força ativa (cristianismo); e no ideal ascético – forma sofisticada de niilismo que engloba o ressentimento e a má consciência. O ideal ascético manifesta-se tanto na religião como na metafísica. E também na ciência e até na arte. O filósofo do futuro, legislador, tem como tarefa despertar uma sensibilidade que acolha o múltiplo, o indeterminado. E que valorize a mudança e a diferença.

No mundo moderno a moral escrava continua no comando. Os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade expressam a secularização dos valores cristãos.³⁰⁴ Um de seus principais fundamentos continua o mesmo: o amor ao próximo. Este ideal vela o motor último das ações humanas, o desejo de impor a própria vontade sobre os outros e sobre o mundo. As Revoluções Francesa e Científica não promoveram grandes transformações na moral, denuncia Nietzsche. Persiste nesse “velho-novo” mundo a recusa do reconhecimento do conflito de vontades que move o homem. Deus não mais inspira a ação ou aplaca o

³⁰¹ NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**, aforismo 19. E também. MARTON, S. **Das forças cósmicas aos valores**, pp.33 e 34.

³⁰² NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 317.

³⁰³ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Primeira dissertação, aforismo 16.

³⁰⁴ Em **Além do bem e do mal**, Nietzsche declara: “A Revolução Francesa nada mais é do que uma ‘farsa sinistra e supérflua’”, #38. E ainda em **Crepúsculos dos ídolos, Incursões de um intempestivo**, aforismo 38. Sobre o tema, ver também MARTON, Scarlet. **Nietzsche e a Revolução Francesa**; e MONTEIRO, Américo Enes. **Frederico Nietzsche, o ideal do Homem Superior e a Revolução Francesa**.

sofrimento do homem científico. Ele não precisa dele, pois inventou substituto à altura: a verdade, ainda mais incontestável que a religiosa, pois provada e comprovada por experimentos.

Os juízos bom e mau presentes nas verdades científicas ainda estão referidos ao ideal ascético do sacerdote. Não reconhecem a pluralidade de vontades em contínuo combate como característica da vida. A medicina seria seu melhor exemplo. Responde ao sofrimento dos indivíduos com o universal. Não se propõe a investigar as paixões uma a uma, segundo as contingências. E a crença na objetividade e neutralidade da ciência expandiu-se para os jornais. Sem o rigor próprio dos cientistas, jornalistas escrevem cotidianamente suas impressões sobre os fatos. Interpretações impregnadas de valores morais reativos, ressentidos, que orientam as massas. Decadência.

A ciência é hoje um *esconderijo* para toda espécie de desânimo, descrença, remorso, desprezo de si, má consciência – ela é a *inquiétude* da ausência de ideal, o sofrimento pela falta do grande amor, a insatisfação por uma frugalidade involuntária (...) ciência como meio de autoanestesia (...) estamos lidando com sofrendores que não querem confessar a si mesmos o que são, com gente entorpecida e insensata que teme uma só coisa: ganhar consciência”. (Nietzsche [1887b] 1998,3,#23)

Nem a filosofia, nem a ciência escapam ao compromisso com os ideais ascéticos, negadores do corpo. Sequer a arte. Nietzsche denuncia aqueles artistas que não sustentam autonomia em relação à moral do sacerdote.³⁰⁵ Apartam-se da sensualidade e, portanto, do conflito dos afetos provocados pela luta do viver. Esses “criados de quarto de uma religião, de uma filosofia, de uma moral” diferem-se do artista trágico, que mergulha na intensidade das sensações para transformá-las em discurso.

Qualquer discurso, seja filosófico, religioso ou científico, tem o mesmo objetivo: aplacar o sofrimento, revelar avaliações sobre a vida. O problema está em apresentá-los como verdades universais, imutáveis. Constituem apenas interpretações, perspectivas sobre a realidade, que permitem ao homem intervir nela. A formulação de teorias expressa solução dada à dor do existir, apenas não são assumidas enquanto tal. Esse desejo de neutralidade, que aparece no cientista

³⁰⁵ NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Terceira dissertação, aforismo 5.

de modo mais explícito, esconde motivações morais, que o engajam em sua pesquisa.

Nietzsche apresenta o filósofo legislador como antagonista do ideal ascético. Ele está empenhado na transmutação dos valores, sem se preocupar com o reconhecimento da comunidade. Contrapõe-se ao filósofo submisso, ocupado com suas preces à tradição. O filósofo legislador exerce seu ofício com o martelo, pois não quer conservar, mas criar.³⁰⁶ Para isso, aventura-se em experimentos do pensamento, ousando olhar segundo múltiplas perspectivas. Trata-se de um *homem nobre*. Aceita a luta e o sofrimento como essenciais à vida; é duro e exigente consigo. Diante do caos empenha-se na construção de distintos valores, que engendram novas maneiras de lidar com a vida.

Aquele que não tem o compromisso em sustentar uma única verdade, coloca-se a ouvir a música executada em seu corpo. Reconhece a necessidade de aprender a ouvir os diferentes instrumentos, as distintas melodias que estão sendo tocadas. A princípio apenas suporta essa música, tamanha sua estranheza. Mas, como bom ouvinte, tem paciência, coloca-se disponível a ela. Aos poucos começa a captar suas qualidades. Por fim aprende a amá-la. Perdeu-se nela, por isso pode criar a partir dela. Nomeio esse processo de *perdição criadora*.

Afinal sempre somos recompensados pela nossa boa vontade, nossa paciência, equidade, ternura para com que é estranho, na medida em que a estranheza tira lentamente o véu e se apresenta como uma nova e indizível beleza: - é a sua *gratidão* por nossa hospitalidade. (Nietzsche [1882-1887] 2002, IV,#334)

Qualquer indivíduo que queira experimentar vida mais saudável, sem “obstruções fisiológicas”, tem que passar por esse processo. A suspensão do ressentimento, da má consciência, do niilismo exige a invenção de nova paixão que alimente nossa fé no existir. Só ela permitirá nos manter apartados do rebanho dos doentes. Estes se aquecem sob o mesmo sol. O *homem forte*, nobre, artista cria seu próprio sol, que o fecunda e o alimenta, independente dos elogios e censuras da comunidade. Só enquanto criadores podemos destruir. Viver, para Nietzsche, é criar, ampliar nossa potência. Se não criamos algo que permita a ampliação do poder sobre nós e sobre a vida, retornamos às soluções oferecidas

³⁰⁶ DELEUZE, G. Nietzsche. *Vida e obra*, p. 19.

pela moral coletiva. Aprisionados nela, caímos na impotência, mas exercitamos pequenos poderes, que nos agarram na vida. Como não existe *verdade*, *substância*, a criação refere-se à invenção de novas interpretações sobre a vida, novos nomes, novas avaliações, novas fantasias. A longo prazo, podem tornar-se novas *coisas*, engendrar novas culturas³⁰⁷.

Genealogia dos valores morais da cultura ocidental. Parece-me que este foi o meio encontrado por Nietzsche para dar conta dos valores morais inconscientes que o moviam. Foi seu exercício de libertação, de construção de sua soberania. Sua transmutação dos valores. Criou seu próprio sol. Ele exorta os outros a fazerem o mesmo: “Que cada um faça isto por si próprio (...)e tire da mente as generalidades e as preocupações com os outros e a sociedade!”³⁰⁸”

Nietzsche foi bem sucedido em sua tarefa. No entanto, ele mesmo tem esperança do surgimento de um “filósofo médico”, que persiga o problema da saúde de um povo, de uma época. E que o tratamento parta da investigação da vontade e da desconstrução da moral, que aprisiona e paralisa. Entendo a psicanálise como essa práxis. Ela contribui para a transformação do *homem fraco*, animal de rebanho, em *homem forte*, capaz de descobrir e sustentar as próprias fantasias para viver. Para isso, há que investigar a particularidade de seu método de cura, centrado na força da palavra, no diálogo entre paciente e psicanalista. Trato deste tema na terceira e última parte deste trabalho.

³⁰⁷ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro II, aforismo 58.

³⁰⁸ NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Livro IV, aforismo 320.